



Os
mundos possíveis

NA LITERATURA FANTÁSTICA DE J. K. ROWLING E RENATA VENTURA

CAMILLE GOMES DA SILVA



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária

Licenciatura em Letras
(LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E SUAS LITERATURAS)

OS MUNDOS POSSÍVEIS NA LITERATURA FANTÁSTICA DE J. K. ROWLING E RENATA VENTURA

CAMILLE GOMES DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso
(MONOGRAFIA)

Porto Alegre
2023

CAMILLE GOMES DA SILVA

**OS MUNDOS POSSÍVEIS NA LITERATURA FANTÁSTICA
DE J. K. ROWLING E RENATA VENTURA**

Monografia realizada como requisito parcial e obrigatório à obtenção do título de Licenciada em Letras (Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas Literaturas) pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ORIENTADORA

Profa. Dra. Rita Lenira de Freitas Bittencourt

Porto Alegre
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR: Carlos André Bulhões Mendes

VICE-DIRETORA: Patrícia Pranke

INSTITUTO DE LETRAS

DIRETORA: Carmem Luci da Costa Silva

VICE-DIRETORA: Márcia Montenegro Velho

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, FILOLOGIA E TEORIA LITERÁRIA

CHEFE: Gabriel de Ávila Othero

CHEFE SUBSTITUTA: Cinara Antunes Ferreira

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE LETRAS

COORDENADOR: Gabriel de Ávila Othero

COORDENADORA SUBSTITUTA: Sandra Dias Loguercio

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Camille Gomes da
Os mundos possíveis na literatura fantástica de J.
K. Rowling e Renata Ventura / Camille Gomes da Silva.
-- 2023.
54 f.
Orientadora: Rita Lenira de Freitas Bittencourt.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e
Literaturas de Língua Inglesa, Porto Alegre, BR-RS,
2023.

1. fantasia mágica. 2. literatura comparada. 3.
multiversos literários. I. Bittencourt, Rita Lenira de
Freitas, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

INSTITUTO DE LETRAS

Av. Bento Gonçalves, 9500

Bairro: Agronomia – Porto Alegre/RS

CEP: 91501-970 – Caixa Postal: 15002

Telefone: 51 3308-6153

e-mail: iletras@ufrgs.br

CAMILLE GOMES DA SILVA

**OS MUNDOS POSSÍVEIS NA LITERATURA FANTÁSTICA
DE J. K. ROWLING E RENATA VENTURA**

Monografia realizada como requisito parcial e obrigatório à obtenção do título de Licenciada em Letras (Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas Literaturas) pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

APRESENTADA EM
Porto Alegre, 6 de setembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rita Lenira de Freitas Bittencourt (ORIENTADORA)
Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária
Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Denise Regina de Sales
Departamento de Línguas Modernas (setor de Russo)
Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Ma. Marlova Soares Mello
Programa de Pós-Graduação em Letras (Doutorado em Teoria, Crítica e Comparatismo)
Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aos meus pais, Théo (*in memoriam*) e Tania, os primeiros a tornarem o meu mundo possível.

À minha família e aos amigos queridos que fazem deste o melhor de todos os mundos possíveis.

Às versões mágicas de mim, que, em outros mundos possíveis, certamente receberam suas cartas de Castelobrujo e Tordesilhas.

AGRADECIMENTOS

A trajetória que me trouxe até a realização desta monografia, intitulada *Os mundos possíveis na literatura fantástica de J. K. Rowling e Renata Ventura*, teve o seu início anos atrás, em 2007 — quando ingressei pela primeira vez no Instituto de Letras para cursar a licenciatura dupla com especialização em Língua Portuguesa, Língua Francesa e suas Literaturas. Esse percurso, porém, foi interrompido entre os anos de 2010 e 2016 — quando cursei (e concluí!) o Bacharelado em História da Arte —, para só então ser continuado em 2018. Desta vez, contudo, a Licenciatura em Letras foi voltada aos conhecimentos de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas Literaturas, e a conclusão da graduação chega enfim neste ano de 2023, após todos os receios e as conturbações provocadas pela pandemia que devastou o nosso mundo entre os anos de 2020 e 2021. Ao refletir sobre toda essa jornada, uma certeza inquestionável é a de que eu não teria chegado até aqui sem a presença e o apoio de todos que acompanharam cada instante dessa trajetória e, à sua maneira, me ajudaram nesta conquista tão especial. Deixo aqui, portanto, a minha imensa gratidão e o desejo de que esta monografia retribua às expectativas geradas tanto pela pesquisa quanto pelos anos de formação acadêmica.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao Instituto de Letras e à Faculdade de Educação, instâncias de ensino que propiciaram o aprofundamento do meu aprendizado em Línguas, Literatura e Educação, além de possibilitar que este trabalho fosse realizado.

À Comissão de Graduação em Letras e à TUA UFRGS, pela atenção, paciência e apoio em meio à confusa burocracia acadêmica.

Ao Setor de Bolsas e a todos os professores que me aceitaram como monitora em suas disciplinas: Ana Eliza Pereira Bocorny, Elisa Marchioro Stumpf, Juliana Roquele Schoffen, Lucia Rottava e Reiner Vinicius Perozzo.

Ao Centro de Línguas para Fins Acadêmicos e ao projeto de extensão Curso de Inglês nas Férias — ambos vinculados ao Instituto de Letras da UFRGS —, que, sob orientação das professoras Ana Eliza Pereira Bocorny, Larissa Goulart da Silva, Margarete Schlatter e Simone Sarmiento, viabilizaram a prática dos dois estágios obrigatórios de docência em Língua Inglesa, realizados em dupla com o Paulo Henrique Cunha Nunes Júnior.

Ao Instituto Estadual Professora Gema Angelina Belia e à Escola Técnica Estadual Parobé, que, sob orientação das professoras Jecelaine Quintana Duarte Warth, Lia Schulz, Lucia Rottava e do professor Carlos Alberto Reginato Júnior, viabilizaram a prática dos dois estágios obrigatórios de docência em Língua Portuguesa, realizados em dupla com o Paulo Henrique

Cunha Nunes Júnior.

À minha orientadora, professora Rita Lenira de Freitas Bittencourt, por ter acreditado em mim e nesta pesquisa; por sua generosidade, atenção, dedicação, paciência e, principalmente, pela imensa contribuição e liberdade concedidas durante todo o desenvolvimento desta monografia.

Às professoras Denise Regina de Sales e Marlova Soares Mello, por aceitarem fazer parte desta jornada por meio da banca examinadora; por dedicarem tempo e atenção à leitura deste trabalho e compartilharem os seus conhecimentos.

À professora Daniela Pinheiro Machado Kern — orientadora do meu trabalho de conclusão de curso no Bacharelado em História da Arte (*Os mundos possíveis na arte contemporânea brasileira do século XXI*), defendido em 2016 —, por me apresentar a teoria dos mundos possíveis. O pensamento de Leibniz me fascinou tanto que serviu de base para as pesquisas de duas graduações!

A todos os professores com quem tive aulas nesses cinco anos e meio de graduação em Letras: Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, Anamaria Kurtz de Souza Welp, Antonio Barros de Brito Júnior, Bruna Fagundes Antunes Alberton, Carlos Augusto Bonifácio Leite, Cinara Antunes Ferreira, Claudia Luiza Caimi, Cláudio Vescia Zanini, Crediné Silva de Menezes, Cristina Mielczarski dos Santos, Evandro Alves, Gabriela Maria Barbosa Brabo, Homero José Vizeu Araújo, Ian Alexander, Ingrid Finger, Jane Fraga Tutikian, Juliana Roquele Schoffen, June Campos, Karin Camolese Vivanco, Larisa da Veiga Vieira Bandeira, Larissa Goulart da Silva, Laura Cristina Vieira Pizzi, Leandro Zanetti Lara, Lia Schulz, Lucia Rottava, Luís Augusto Fischer, Maity Simone Guerreiro Siqueira, Márcia Montenegro Velho, Margarete Schlatter, Paulo Francisco Slomp, Rafael Arenhaldt, Reiner Vinicius Perozzo, Rita Lenira de Freitas Bittencourt, Sandra Sirangelo Maggio, Sandro Rodrigues da Fonseca, Sergio de Moura Menuzzi, Sergius Antonio Marsicano Gonzaga, Simone Valdete dos Santos, Solange Mittmann, Valdir do Nascimento Flores e Valéria Neto de Oliveira Monaretto. E àqueles com quem tive aulas durante a minha primeira e interrompida passagem pela licenciatura: Ana Cristina Ghisleni, Ana Cristina Rocha Gonçalves, Ana Lucia Silva Paranhos, Beatriz Cerisara Gil, Cristiane Mafalda Rigolin, Joana Bosak de Figueiredo, Luiz Carlos Bombassaro, Maria Cristina da Silva Martins e Ricardo Araújo Barberena.

A todos os colegas que em algum momento fizeram parte do percurso que realizei na graduação, mas especialmente àqueles que, mais do que colegas de estudo e profissão, se tornaram amigos que levarei para a vida: Camila Neves da Silva, Carmella de Souza Bocardi, Paulo Henrique Cunha Nunes Júnior, Stéphanie da Rosa Molinari e Victória Lisboa Silva.

Às escritoras aqui destacadas, Joanne Rowling e Renata Pacheco Ventura, por criarem mundos tão fascinantes e complexos cujas histórias marcaram não apenas a minha trajetória e desenvolvimento como leitora, como também serviram de base para esta pesquisa.

À minha mãe, Tania Maria Gomes dos Santos, e ao meu irmão, Ricardo Gomes da Silva, por fornecerem as bases necessárias para que eu pudesse chegar até aqui e por todo o apoio e compreensão durante esses anos de formação; pelo amor e carinho imensos e, principalmente, por suportarem as minhas decisões e sempre me instigarem a buscar o melhor em mim. Prometo que desta vez a escolha do curso — e da carreira profissional — é definitiva!

À minha tia e madrinha, Vera Maria Gomes dos Santos, e ao meu tio e padrinho, Ary Machado Ávila, pelo imenso apoio em relação à minha escolha pela profissão de professora, por todo o amor e carinho, e, também, pela valiosa contribuição de grande parte das leituras obrigatórias do meu primeiro semestre de faculdade — lá em 2007!

Aos meus primos, Leticia Santos Balz e Christian Santos Balz, sua esposa, Giani Malaggi, e ao meu priminho, Pedro Malaggi Balz, pelo carinho, apoio e acompanhamento de toda a minha trajetória acadêmica.

Por fim — mas nem por isto menos importantes —, aos meus *pets*: Raj, Yudi, Maya, Luke e Leia — e a todos os que já fizeram parte da minha vida (*in memoriam*). A companhia e o carinho (nem sempre) desinteressado tornam todos os dias mais alegres e felizes!

Muito obrigada a todos!

*Palavras são, em minha nada humilde opinião,
nossa mais inesgotável fonte de magia.*

— ALVO DUMBLEDORE

RESUMO

Esta monografia investiga as séries literárias “Harry Potter” (1997–2007), da inglesa J. K. Rowling, e “A Arma Escarlate” (2011–presente), da brasileira Renata Ventura, a partir da criação de seus mundos — ou universos —, os quais apresentam cruzamentos não apenas entre si, mas também entre a realidade conhecida e habitada por seus leitores. Por meio de uma metodologia que combina a história das ideias de Anthony Grafton (2006) e a literatura comparada de Tânia Franco Carvalhal (2006), esta pesquisa aproxima as obras literárias da teoria dos mundos possíveis de Gottfried Wilhelm Leibniz (2004) e da teoria dos multiversos de Stephen Hawking e Thomas Hertog (2023). Neste sentido, os estudos de Tzvetan Todorov (2017), Lubomír Doležel (1988) e John E. Nolt (1986) são imprescindíveis para que se possa compreender como as particularidades do gênero fantástico foram desenvolvidas por ambas as autoras na constituição de suas fantasias mágicas como realidades alternativas à nossa. Além da análise comparativa dessas literaturas segundo a abordagem proposta, esta pesquisa apresenta algumas sugestões de novos caminhos para o estudo de multiversos literários.

PALAVRAS-CHAVE: fantasia mágica; literatura comparada; multiversos literários.

ABSTRACT

This monograph investigates the literary series “Harry Potter” (1997–2007) by the English author J. K. Rowling, and “A Arma Escarlata” (2011–present) by the Brazilian author Renata Ventura, focusing on the creation of their worlds — or universes — which not only intersect with each other but also with the reality known and inhabited by their readers. Through a methodology that combines Anthony Grafton’s history of ideas (2006) and Tânia Franco Carvalhal’s comparative literature (2006), this research approaches the literary works with Gottfried Wilhelm Leibniz’s possible worlds theory (2004) and Stephen Hawking and Thomas Hertog’s multiverse theory (2023). In this sense, the studies of Tzvetan Todorov (2017), Lubomír Doležel (1988), and John E. Nolt (1986) are essential to understand how the specificities of the fantasy genre were developed by both authors in the construction of their magical fantasies as alternatives to our reality. In addition to the comparative analysis of these literatures according to the proposed approach, this research presents some suggestions for new paths in the study of literary multiverses.

KEYWORDS: comparative literature; literary multiverses; magical fantasy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

- Figura 1** – Inferno de Hades no animê *Os Cavaleiros do Zodíaco* 13
- Figura 2** – Isidoro de Sevilha (560–636). *Mapa T. O.*, 1472 15
- Figura 3** – Heinrich Bünting (1545–1606). *Mapa do mundo*, 1581, gravura em madeira (*Itinerarium Sacrae Scripture*, p. 4-5) 16
- Figura 4** – Christoph Bernhard Francke (1660–1726). *Retrato de Gottfried Leibniz*, c.1700, óleo sobre tela, 81 x 66 cm. Herzog Anton Ulrich Museum, Braunschweig (Alemanha) 16
- Figura 5** – Joanne Rowling. Fotografia por Debra Hurford Brown para o *website* pessoal da escritora 24
- Figura 6** – Capas dos quatro primeiros livros da primeira edição brasileira da série *Harry Potter* 26
- Figura 7** – Capas dos três últimos livros da primeira edição brasileira da série *Harry Potter* 27
- Figura 8** – Capas da primeira edição brasileira dos três livros extras da série *Harry Potter*, que compõem a chamada “Biblioteca de Hogwarts” 28
- Figura 9** – Renata Ventura. Fotografia do *website* pessoal da autora 29
- Figura 10** – Capas dos quatro livros (publicados até o momento) da série *A Arma Escarlata* 30

QUADROS

- Quadro 1** – Delimitações dos gêneros literários estranho, fantástico e maravilhoso, segundo Todorov 23

SUMÁRIO

1	Priori Incantatem: Entre os mundos da realidade e da ficção	12
1.1	Leibniz e a teoria dos mundos possíveis	15
1.2	A teoria leibniziana e a pesquisa literária	19
2	Revelio: O fantástico mundo da magia	21
2.1	J. K. Rowling e a série <i>Harry Potter</i>	24
2.2	Renata Ventura e a série <i>A Arma Escarlate</i>	29
2.3	Realidade x Ficção: o papel dos livros	32
3	Specialis Revelio: Os mundos possíveis das escolas de magia	36
3.1	O mundo de <i>Harry Potter</i>	37
3.1.1	Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts	39
3.2	O Mundo de <i>A Arma Escarlate</i>	42
3.2.1	Notre Dame do Korkovado	43
4	Finite Incantatem: Para além dos mundos da realidade e da ficção	47
4.1	Possíveis desdobramentos da pesquisa	48
	REFERÊNCIAS	49

1

PRIORI INCANTATEM

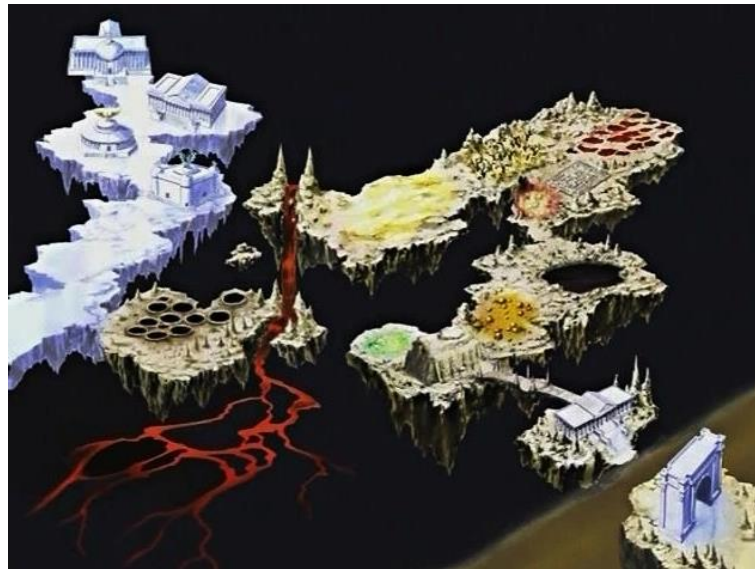
ENTRE OS MUNDOS DA REALIDADE E DA FICÇÃO

O conceito de *mundo*, entendido na atualidade como um espaço geográfico referente a toda matéria que o contém (Mundo..., 2015), tem a sua origem na tradição clássica da cultura ocidental a partir da noção de *oikouménē* — em português, ecúmeno. De origem grega, a palavra refere-se ao mundo conhecido ou, ainda, ao mundo habitável. Ao considerarmos o campo literário — foco específico da presente pesquisa —, esta noção pode ser muito bem percebida em textos como *Iliada* e *Odisseia* — ambos atribuídos ao poeta Homero em meados do século V a.C. —, cujas histórias da chamada mitologia greco-romana descrevem uma realidade (ou mundo) na qual as personagens divinas e imortais dividem o mesmo espaço geográfico que as humanas e mortais. Tal espaço, porém, é representado de forma repartida em quatro grandes domínios: o terrestre, destinado à humanidade; o divino, situado ao topo do Monte Olimpo, restrito aos deuses e regido por Zeus; o marinho, sob a guarda de Poseidon; e o submundo, reservado às almas e reinado pelo sombrio Hades. É importante destacar, contudo, que essas divisões não impediam o livre trânsito das divindades por cada domínio (ainda que os mortais jamais tivessem acesso ao território divino), como pode ser notado nos dois textos mencionados: as desventuras humanas — a Guerra de Troia e o turbulento retorno de Odisseu à sua terra natal — foram conduzidas de acordo com a vontade e os caprichos dos deuses, que interferiram diretamente nesses acontecimentos.

Esta visão de mundo, por sua vez, serviu para que Dante Alighieri (1265–1321) concebesse a trilogia *A Divina Comédia* (c.1308–1321), um poema de viés épico e teológico que narra a viagem espiritual do autor-personagem pelos três reinos do além-túmulo — que dão nome às divisões do poema: *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*. Ainda que baseada em preceitos cristãos, não se pode negar a grande influência do pensamento greco-romano, especialmente na construção do primeiro livro, no qual encontram-se diversos filósofos e estudiosos da Antiguidade, entre os quais se destaca o poeta Virgílio (70–19 a.C.), que atua como um dos guias de Dante. Séculos mais tarde, essa produção literária constituiu a base para a formação do Inferno de Hades — território repartido em prisões que equivalem aos círculos concêntricos de Dante e dominado pelo deus grego do submundo — na série japonesa de mangá e animê intitulada *Os Cavaleiros do Zodíaco* (figura 1), de Masami Kurumada. Se pensarmos em produções ainda mais recentes, o pensamento greco-romano possui influência direta nas ficções de Rick Rior-

dan, nas quais as desventuras causadas pelos encontros e desencontros entre humanos, deuses e semideuses — ambientadas nos dias atuais, inclusive — integram o foco central de suas histórias. *Percy Jackson e os Olimpianos* (2005–2009) é a sua série mais famosa e, também, um excelente exemplo de como a *oikouménē* pode ser percebida ainda hoje na literatura.

Figura 1 – Inferno de Hades no animê *Os Cavaleiros do Zodíaco*.



Fonte: Saint Seiya Wiki¹.

Apesar dessa ideia de mundo fortemente ancorada em histórias mitológicas, a pesquisadora francesa Anne Cauquelin (2011, p. 9-10) alega que pensadores da Antiguidade clássica como Aristóteles (384–322 a.C.), Platão (428–348 a.C.) e Cícero (106–43 a.C.) se posicionaram quanto à existência de realidades alternativas à que conheciam: enquanto Platão defendia a unidade por uma questão de simplicidade, Cícero propunha uma pluralidade sucessiva. Para o filósofo, ao término do que chamava de “Grande Ano” — uma sequência de 12.954 anos — uma explosão apocalíptica poria fim ao nosso mundo e um novo teria início. A incerteza acerca deste novo mundo, porém, levou os pluralistas a formularem duas hipóteses:

— O mundo que renasce após a explosão é idêntico, em tudo semelhante àquele que acaba de morrer, e os vivos são iguais em cada detalhe. Trata-se da repetição do mesmo.

— O mundo renovado produz as mesmas situações, as mesmas disposições entre os seres que ele sustenta, mas os seres deste mundo diferem de seus antigos duplos em alguns aspectos; ainda há um Sócrates, mas não é exatamente o primeiro Sócrates: ele apresenta uma leve diferença, um atributo extrínseco (uma verruga no nariz, por exemplo) (Cauquelin, 2011, p. 11-12).

¹ Disponível em: https://static.wikia.nocookie.net/saintseiya/images/7/70/Underworld_Map.png/revision/latest?cb=20170330030906&path-prefix=pt. Acesso em: 13 de janeiro de 2023.

Ainda que essas teses — a segunda, principalmente — lhe pareçam bastante interessantes, Cauquelin destaca o fato de não possuírem um fundamento concreto na realidade², definindo-as como crenças e ficções. Um exemplo muito perceptível disto está no “[...] duplo horizonte do cristianismo: o terrestre, fadado à procriação e à corrupção, seguido do outro, celeste, eterno e, em parte, divino” (Cauquelin, 2011, p. 13).

Aristóteles, assim como Platão, foi contra o pensamento pluralista ao defender a unicidade em seu *Tratado sobre o céu* (350 a.C.), no qual o filósofo afirma a existência de “[...] dois céus concêntricos, que se movem de forma distinta e ocupam a parte alta do nosso mundo sub-lunar, com a Terra fazendo as vezes de centro dessas esferas” (Aristóteles *apud* Cauquelin, 2011, p. 26). Neste sentido, Aristóteles reitera a impossibilidade de haver outros mundos devido ao posicionamento central da Terra: tudo o que existe deve, supostamente, se dirigir ao seu lugar natural — neste caso, para o centro do mundo, que é a Terra (Cauquelin, 2011, p. 37). Assim, qualquer outro mundo que viesse a surgir seria, na verdade, o mesmo mundo. Este pensamento geocêntrico permaneceu no imaginário comum por muito tempo, sendo recusado apenas durante o século XV por Nicolau Copérnico (1476–1543), que resgatou a teoria heliocêntrica de Aristarco de Samos³ (310–223 a.C.) — na qual o elemento menor deve girar em torno do maior, implicando na refutação de um dogma: a imobilidade da Terra e o seu lugar no centro do universo, que, para Aristarco, é ocupado pelo Sol (Cauquelin, 2011, p. 42) — e, durante o século XVI, por Giordano Bruno (1548–1600). Este último, condenado à morte pela Inquisição Romana, defendeu não somente a teoria copérnica — a tese de que a Terra realiza uma rotação em torno do Sol e sobre si mesma (Cauquelin, 2011, p. 46) — como também a existência de mundos infinitos:

[...] Com efeito, o universo é o Todo, mas não encerra um conjunto como fazia o *Ouranos* aristotélico; é uma totalidade infinita, da mesma natureza do vácuo externo dos estoicos, ou seja, não limitado, indiferente ao que possa ou não conter, sem nenhum centro ou hierarquização (alto/baixo ou leve/pesado). Neste espaço infinito e neutro, nosso mundo finito e muitos outros mundos podem conviver qual pequenas esferas girando em torno dos planetas, como a Terra em torno do Sol. Se ali se aloja o nosso mundo, por que não haveria outros? Se está bom para nós, por que não seria bom para outros mundos? (Cauquelin, 2011, p. 47, grifo da autora).

² Embora ainda esteja em uma fase de especulações, um grupo de estudos conduzidos pelo Antarctic Impulsive Transient Antenna (ANITA), financiado por pesquisadores da NASA, afirmou em entrevista à revista *New Scientist*, em 8 de abril de 2020, que “[...] o comportamento curioso de partículas observadas na Antártica contrariou as leis da física e poderia ter origem em um ‘universo paralelo’” (CNN Brasil, 2020, grifo do autor). É importante destacar, porém, que ao contrário das hipóteses de pluralidade sucessiva, este estudo científico sugere a pluralidade concomitante, ou seja, a existência de realidades alternativas em um mesmo período de tempo.

³ Os escritos de Aristarco de Samos se perderam no tempo, sendo referenciados apenas no *Arenarius* (*O Contador de Areia*, em português) de Arquimedes (287–212 a.C.) (Só Matemática, s/d).

Deste modo, o pensamento pluralista de Bruno passou a permear, também, as discussões de teor teológico: ao considerarem o poder de Deus como algo infinito, sustentar a unicidade dos mundos “[...] equivaleria a limitar a onipotência divina” (Schmutz *apud* Cauquelin, 2011, p. 43), algo que, em um período de intensa dominação da Igreja Católica, não poderia ser questionado.

1.1 LEIBNIZ E A TEORIA DOS MUNDOS POSSÍVEIS

O cenário europeu e medieval em que as teorias de Nicolau Copérnico e Giordano Bruno foram retomadas ainda estava fortemente ancorado nos preceitos religiosos do geocentrismo aristotélico e da visão de mundo representada pelo mapa T. O. (figura 2) — repartido em três continentes (Ásia, Europa e África, cujos territórios foram destinados biblicamente aos filhos de Noé: Sem, Jafé e Cam) circundados por mares e oceanos. Deste pensamento também são decorrentes as produções de bestiários e histórias de viagens, sendo uma das mais populares a intitulada *The Travels of Sir John Mandeville*, lançada durante

o século XIV. Ainda que suas narrativas fossem pouco confiáveis ou demasiadamente fantásticas, tiveram uma grande influência na constituição do imaginário não apenas de seu tempo, mas de todo o período medieval. Isto pode ser notado nas cartografias da época da chegada dos europeus à América (figura 3) ou, ainda, nos dois volumes de *Peregrinação* (1614), livro de publicação póstuma de Fernão Mendes Pinto (1509–1583): embora seja baseada em muitos acontecimentos verídicos, a narrativa acompanha o protagonista António de Faria em uma série de aventuras inusitadas enquanto se depara com criaturas imaginárias e disformes.

Foi nesse contexto fortemente religioso, então, que a figura de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646–1716) (figura 4) se destacou: filósofo e matemático alemão, trabalhou por cinco anos como servidor público da cidade de Mainz antes de assumir o cargo de bibliotecário do Duque de Brunswick, em Hanover. Foi justamente durante este período que Leibniz publicou os seus trabalhos mais importantes: *Discurso de metafísica* (1685), *A Monadologia* (1714) — também

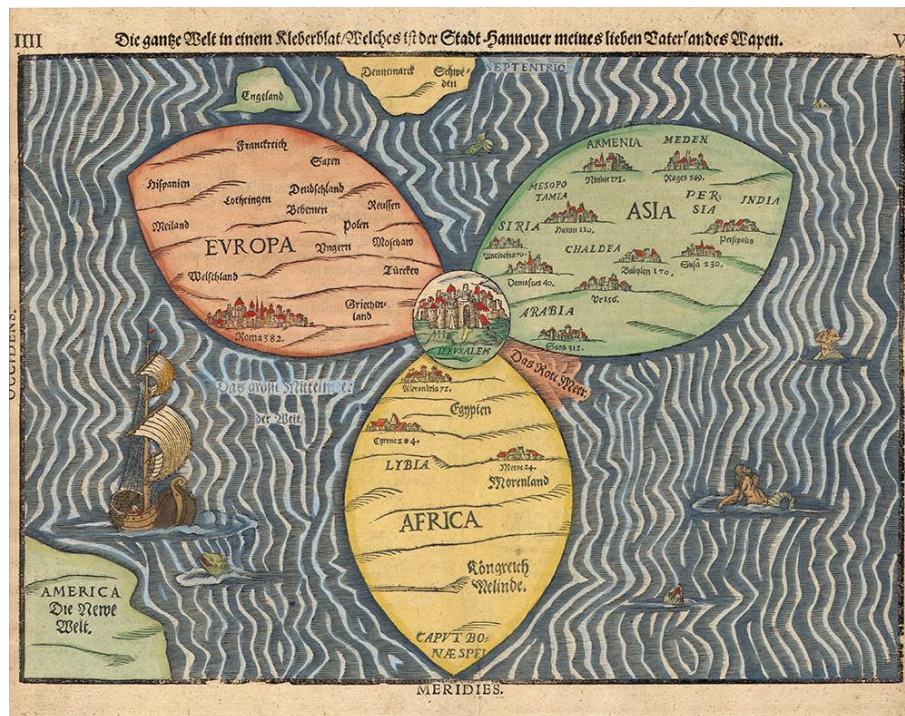
Figura 2 – Isidoro de Sevilha (560–636). Mapa T. O., 1472.



Fonte: Decoloniality⁴.

⁴ Disponível em: https://decoloniality.files.wordpress.com/2010/01/to_map.gif. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

Figura 3 – Heinrich Bünting (1545–1606). *Mapa do mundo*, 1581, gravura em madeira (*Itinerarium Sacrae Scripture*, p. 4-5).



Fonte: Big Think⁵.

conhecido como *Os princípios da filosofia* — e *Princípios da natureza e da graça fundados na razão* (1714). Este conjunto de textos descreve a totalidade do pensamento filosófico leibniziano e, portanto, a sua *teoria dos mundos possíveis*. Ancorada a um otimismo demasiado, as ideias de Leibniz defenderam os preceitos da religiosidade cristã ao mesmo tempo em que propuseram a existência de outras realidades, ou seja, os mundos infinitos que haviam sido anteriormente propostos por Bruno. É importante destacar, contudo, que enquanto este desafiou os dogmas da Igreja, Leibniz procurou conciliá-los à sua teoria.

Nos trinta e sete tópicos que compõem *Discurso de metafísica*, Leibniz expôs de forma sistemática a sua visão de mundo e as suas ideias quanto à plenitude divina. Segundo os

Figura 4 – Christoph Bernhard Francke (1660–1726). *Retrato de Gottfried Leibniz*, c.1700, óleo sobre tela, 81 x 66 cm. Herzog Anton Ulrich Museum, Braunschweig (Alemanha)



Fonte: Wikimedia⁶.

⁵ Disponível em: <https://bigthink.com/wp-content/uploads/2010/07/18578163.jpg?fit=1200,675>. Acesso em: 7 de março de 2023.

⁶ Disponível em: https://uploads.wikimedia.org/wikipedia/Commons/thumb/c/ce/Gottfried_Wilhelm_Leibniz%2C_Bernhard_Christoph_Francke.jpg/800px-Gottfried_Wilhelm_Leibniz%2C_Bernhard_Christoph_Francke.jpg. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

seus escritos, Deus encerra toda a excelência, sendo onipotente e onisciente; de um mesmo modo, afirma também a existência de outras perfeições na natureza, como o poder e a ciência (Leibniz, 2004, p. 3). Ao contrário de outros filósofos, que asseguravam que “[...] aquilo que Deus faz não possui toda a perfeição possível e que Deus poderia ter agido muito melhor” (Leibniz, 2004, p. 6), Leibniz defendeu a ideia de que Deus é perfeito e, portanto, de todas as suas criações possíveis, o mundo em que vivemos é o melhor de todos, já que “[...] Deus escolheu, porém, o mais perfeito [...], ao mesmo tempo o mais simples em hipóteses e o mais rico em fenômenos” (Leibniz, 2004, p. 13). Foi nesse texto, também, que Leibniz introduziu as suas primeiras considerações acerca do que nomeou de “Mônadas”: substâncias singulares que possuem características próprias e são “[...] como um mundo completo e como um espelho de Deus, ou melhor, de todo o universo” (Leibniz, 2004, p. 18).

A Monadologia, por sua vez, é o estudo em que Leibniz sintetizou em noventa pequenos parágrafos numerados o seu entendimento sobre as já mencionadas Mônadas. Definidas como substâncias simples, elas se unificam para formar as compostas: “[...] são os verdadeiros Átomos da Natureza e, em suma, os Elementos das coisas” (Leibniz, 2004, p. 131). Nas palavras do filósofo,

[...] é preciso que as Mônadas tenham algumas qualidades, caso contrário nem sequer seriam Seres [...].

9. É preciso mesmo que cada Mônada seja diferente de cada uma das outras. Pois nunca há na natureza dois Seres que sejam perfeitamente iguais um ao outro e nos quais não seja possível encontrar uma diferença interna ou fundada em uma denominação intrínseca (Leibniz, 2004, p. 132).

A partir disto, tem-se, também, a explicação de Leibniz quanto à constituição dos seres e de que forma suas qualidades interferem em suas percepções sobre o mundo:

28. Os homens agem como os animais quando as consecuições de suas percepções só se efetuam pelo princípio da memória, à semelhança dos médicos empíricos, que possuem simplesmente a prática sem a teoria; e somos meramente empíricos em três quartos de nossas ações. Por exemplo, quando se espera que amanhã raie o dia, procede-se como um empirista, porque sempre foi assim até hoje. Só o astrônomo julga, nesse caso, segundo a razão (Leibniz, 2004, p. 136).

Essa razão, por sua vez, aparece na teoria leibniziana segundo duas verdades: as *de raciocínio* e as *de fato*. Segundo este pensamento, a figura de Deus foi apresentada por Leibniz como uma verdade necessária e, mais especificamente, como “[...] a unidade primitiva ou a substância simples originária, da qual todas as Mônadas criadas ou derivadas são produções; e nascem [...] de momento a momento, limitadas pela receptividade da criatura, para a qual é essencial ser limitada” (Leibniz, 2004, p. 139). A partir disto, o filósofo afirma que “[...] há

uma infinidade de universos possíveis nas idéias de Deus” (Leibniz, 2004, p. 141), mas que apenas um pode existir por meio da razão divina, que o escolhe com base “[...] na *conveniência*, ou nos graus de perfeição que estes mundos contêm, cada possível tendo o direito de pretender à Existência segundo a medida da perfeição que envolva” (Leibniz, 2004, p. 141, grifo do autor).

Princípios da natureza e da graça fundados na razão, contudo, é composto por dezoito itens que retomam as ideias apresentadas nos textos anteriores. Apesar de mais sucinto, o pensamento de Leibniz aparece de forma mais elaborada e complementar, especialmente no que concerne as Mônadas. Além disso, foi nessa publicação que o filósofo expôs mais diretamente a sua concepção sobre *o melhor dos mundos possíveis*, que é a teoria norteadora desta pesquisa:

10. Da perfeição suprema de Deus segue-se que, ao produzir o universo, Ele elegeu o melhor Plano possível, no qual existisse a maior variedade possível associada à maior ordem possível; o terreno, o lugar, o tempo mais bem dispostos, o máximo efeito produzido pelas vias mais simples; e o máximo de potência, o máximo de conhecimento, o máximo de felicidade e de bondade que o universo pudesse admitir nas criaturas. Pois como todos os Possíveis pretendem à existência no entendimento de Deus na proporção de suas perfeições, o resultado de todas essas pretensões deve ser o Mundo Atual o mais perfeito possível. E ocorreram antes assim do que de outro modo (Leibniz, 2004, p. 159).

Nesta perspectiva, Deus teria criado o mundo de maneira que, a partir de infinitas possibilidades, este em que vivemos possuísse as melhores condições, ou seja, a maior quantidade de bondade aliada à menor quantidade de maldade aceitável. Apesar do pensamento otimista, alguns estudiosos se opuseram à essa teoria, entre os quais se encontram Voltaire⁷ e, em tempos mais recentes, John E. Nolt — que, embora não acredite na existência de mundos possíveis, teoriza a sua possibilidade e, conseqüentemente, o entendimento do que realmente são (Nolt, 1986, p. 432). Para o pesquisador, há uma diferença entre o mundo existente — o real, onde vivemos — e os possíveis — situações em que são consideradas as dimensões espaço-temporais em que as pessoas vivem, o tempo passa e eventos ocorrem —, considerando que estes sejam semanticamente viáveis, ainda que não sigam as regras físicas a que estamos acostumados. Esta é, inclusive, a visão adotada da teoria leibniziana para o desenvolvimento do estudo aqui proposto, uma vez que se trata da criação de mundos literários e, portanto, ambientações semanticamente possíveis — ainda que não necessariamente fisicamente reais.

⁷ François-Marie Arouet (1694–1778), mais conhecido como Voltaire, lançou em 1758 o conto satírico *Cândido, ou o Otimismo*. A narrativa traz o protagonista Cândido, que vive em um paraíso edênico enquanto recebe lições de seu mentor, o Dr. Pangloss, até o momento em que abandona o ambiente seguro para experimentar as dificuldades do mundo, as quais são baseadas em acontecimentos históricos (Voltaire, 2012). A publicação é uma clara oposição às ideias propagadas por Leibniz, em especial a sua teoria de que vivemos no “melhor dos mundos possíveis”.

1.2 A TEORIA LEIBNIZIANA E A PESQUISA LITERÁRIA

A ideia de mundos possíveis vinculada à de realidades alternativas está intrínseca à ficção literária, cujos textos permitem experiências diversas aos leitores através da imaginação proporcionada por suas palavras. Neste sentido, o primeiro contato que tive com esta temática foi através da leitura: minha infância foi nutrida pelas imagens dos planetas fictícios de *O Pequeno Príncipe* (1943), de Antoine de Saint-Exupéry (1900–1944), pelo mundo colorido de Ziraldo em *Flicts* (1969), pelas coletâneas de contos de fadas e, principalmente, pelo fenômeno da literatura infanto-juvenil do final do século XX e início do XXI: a série *Harry Potter* (1997–2007), de J. K. Rowling. Durante a adolescência, porém, o contato com realidades fictícias se tornou mais evidente por meio da leitura e da escrita de *fanfictions*⁸ e da participação em campanhas de *role playing games* (RPGs) virtuais⁹. O interesse acadêmico, porém, surgiu durante o primeiro semestre de 2014, quando cursei a disciplina História da Arte V — ministrada pela professora Daniela Kern —, no Bacharelado em História da Arte. O assunto, então abordado sob a visão dos artistas cubistas quanto à existência de uma quarta dimensão por meio da perspectiva mista, foi o que conduziu as minhas primeiras buscas teóricas.

Ao retornar ao Instituto de Letras, portanto, pareceu-me muito natural que a minha pesquisa de conclusão de curso se voltasse à temática dos mundos possíveis: apesar de já se tratar de um assunto conhecido por mim, a escolha aconteceu principalmente por sua íntima relação com a teoria literária e com a literatura comparada, áreas de estudo que me instigam muito. Outro fator motivante foi o fato de que, na área de Letras, muito se estuda sobre “mundos ideais” e “mundos possíveis” quando relacionados às abordagens semânticas; no que concerne a literatura, porém, pouco se fala sobre o assunto e, quando isso acontece, está geralmente situado em publicações internacionais — as quais ainda permanecem sem traduções para a língua portuguesa. Paralelamente a isso, muito tem sido produzido em arte, literatura e cinema sobre o assunto, especialmente quando a criação de novos mundos acontece por meio da reconstrução tempo-espacial: há décadas que a mudança do passado através de viagens no tempo se tornou uma temática recorrente em trabalhos culturais.

Em anos mais recentes, histórias em quadrinhos, jogos de videogame e filmes de super-heróis, por exemplo, têm introduzido a temática dos mundos possíveis sob a nomenclatura de

⁸ Termo em inglês utilizado para se referir às ficções criadas por fãs de determinado assunto (livros, filmes, seriados de TV, personalidades...).

⁹ Traduzido do inglês, significa “jogos de interpretação” que ocorrem em fóruns na Internet, geralmente ancorados em livros com regras específicas. São bastante parecidos com os tradicionais RPGs de mesa, com tabuleiros, mas com normas mais livres.

“multiverso”. Baseada nas ideias de Hugh Everett III (1930–1982) e uma das últimas teorias de Stephen Hawking (1942–2018), a qual foi continuada por Thomas Hertog e publicada neste ano de 2023, o multiverso constitui-se na junção de estudos de física, mecânica quântica e cosmologia, segundo os quais diversos universos teriam surgido como consequência do Big Bang, ainda que pudéssemos vislumbrar apenas o nosso próprio “universo observável”¹⁰. Esta proposta, por sua vez, pode ser transposta para os estudos literários ao estabelecer uma direta correspondência com a teoria leibniziana, já que ambas sugerem a existência de realidades paralelas à que conhecemos.

Neste aspecto, a franquia da série de livros *Harry Potter* chama a atenção para a criação de seu mundo e universo, o qual está evidentemente em sintonia com a teoria dos mundos possíveis (ou multiversos) devido às variadas narrativas desenvolvidas a partir de sua história original, entre as quais se encontra a série *A Arma Escarlate*, de Renata Ventura. Esses universos de fantasia mágica se entrelaçam sutilmente por meio de suas ambientações, personagens e histórias, constituindo, junto à nossa realidade, três mundos possíveis — similares e distintos ao mesmo tempo. Os capítulos que seguem abordarão as particularidades de cada série, bem como os seus entrelaces com a teoria dos mundos possíveis.

¹⁰ O termo deriva da teoria da inflação eterna, segundo a qual o universo começou a inflar logo após o Big Bang. Enquanto algumas áreas continuam em expansão, outras já pararam de inflar por completo, formando bolhas de espaço estático. Nesta perspectiva, o universo é formado por variadas bolhas — no interior das quais se formam os planetas, as estrelas e as galáxias. O chamado “universo observável” seria, portanto, o que conhecemos da nossa própria bolha/universo, uma vez que ainda não temos acesso ao que existe além dela (Hertog, 2023).

2

REVELIO

O FANTÁSTICO MUNDO DA MAGIA

O hábito de contar histórias é inerente ao ser humano e deriva de tempos anteriores ao desenvolvimento da escrita, o que pode ser observado muito claramente em pinturas rupestres — cujas origens datam desde 40.000 a.C. Segundo a pesquisadora Rita de Cássia Alves Lopes dos Santos (2020), “[...] Contar uma história consiste em apresentar para um público específico uma narrativa que parte de certa leitura do mundo”, de modo que uma mesma história possa “[...] ser contada de diferentes maneiras, com diversos enfoques e recursos audiovisuais” (Santos, 2020). Ao longo do tempo, porém, o ato de contar histórias deixou de ser um mero registro do cotidiano — como ocorria durante a chamada Pré-História — ou um entretenimento específico da oralidade — a exemplo da atuação dos jograis medievais — para se consagrar como uma *arte* portadora de elementos narrativos que envolvam “[...] narrador e espectador numa experiência sensorial” (Santos, 2020). No que concerne o texto literário, contudo, Northrop Frye afirma que

[...] não entra em uma relação referencial com o “mundo”, como o fazem frequentemente as frases de nosso discurso cotidiano, não é ele “representativo” de outra coisa senão de si mesmo. Nisto a literatura se parece, antes com a matemática do que com a linguagem corrente: o discurso literário não pode ser verdadeiro ou falso, só pode ser válido com relação às suas próprias premissas (Frye *apud* Todorov, 2017, p. 14).

Neste sentido, tem-se a definição de verossimilhança narrativa, visto que Frye defende a existência de uma realidade literária fechada em si mesma; isto é, sem uma ligação direta com o mundo real habitado pelos leitores, mas condizente com o seu próprio mundo ficcional. Apesar disso, as duas séries aqui estudadas demonstram que, independentemente da sólida autonomia de suas narrativas, é possível perceber pontos de tangência por meio dos quais as realidades fictícias e verídica se entrelaçam, estabelecendo ligações diretas e *possíveis*.

Essas ligações, por sua vez, ocorrem a partir das semelhanças que percebemos entre a obra literária e o mundo real que habitamos; no caso específico desta pesquisa, isto acontece principalmente por meio das ambientações, que utilizam representações miméticas do que conhecemos para então conduzir as personagens — e o leitor — aos seus mundos de fantasia mágica. De um modo geral, identificamos como fantástico tudo aquilo que provém da imaginação ou de impressões ilusórias; ou seja, que não corresponde à realidade física em que nos encontramos. No ano de 1970, porém, o filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov (1939–

2017) publicou *Introdução à Literatura Fantástica*, um estudo teórico que definiu os parâmetros conceituais acerca do gênero fantástico e de seus vizinhos imediatos: o estranho e o maravilhoso. Segundo Todorov (2017, p. 37), “[...] O fantástico implica pois uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados”, de modo que, ao contrário do que foi defendido por Frye, seja necessária uma relação referencial entre o “mundo literário” e o “mundo real” para que se estabeleça — ou não — essa ambiguidade. A partir disto, o teórico estipula três exigências para a constituição do gênero fantástico:

[...] Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética”¹¹ (Todorov, 2017, p. 38-39, grifo do autor).

Essas exigências são, ainda, explicadas de uma forma mais detalhada:

[...] A primeira condição nos remete ao aspecto *verbal* do texto, mais exatamente ao que se chama “visões”: o fantástico é um caso particular da categoria mais geral da “visão ambígua”. A segunda condição é mais completa: ela se prende por um lado ao aspecto *sintático*, na medida em que implica a existência de um tipo formal de unidades que se referem à apreciação feita pelas personagens sobre os acontecimentos da narrativa; estas unidades poderiam se chamar as “reações”, por oposição às “ações” que formam habitualmente a trama da história. Por outro lado, ela se refere ao aspecto *semântico*, já que se trata de um tema representado, o da percepção e sua notação. Enfim, a terceira condição tem um caráter mais geral e transcende a divisão em aspectos: trata-se de uma escolha entre vários modos (e níveis) de leitura (Todorov, 2017, p. 39, grifos do autor).

Os estudos de Todorov acerca das condições de constituição do gênero fantástico nos levam, conseqüentemente, às definições dos gêneros estranho e maravilhoso, os quais são resultantes das escolhas feitas — pelas personagens ou pelos leitores — durante a leitura das narrativas. Deste modo, a partir da hesitação causada pelos acontecimentos insólitos — já definida como característica do fantástico —, pode-se optar entre uma explicação natural e racional ou uma explicação sobrenatural, que aceita o desconhecido como parte integrante da narrativa; neste caso, da primeira opção deriva o estranho, enquanto da segunda, o maravilhoso. É importante notar, contudo, que há uma delimitação bastante tênue entre cada gênero (quadro

¹¹ É essencial destacar que as interpretações alegórica e poética afastam o caráter fantástico do texto por recusarem o insólito em favor das figuras de linguagem, bastante perceptíveis, por exemplo, nas metáforas de fábulas ou mesmo nas sequências verbais — e não representativas — dos textos poéticos (Todorov, 2017, p. 38).

1), sendo errôneo “[...] pretender que o fantástico só possa existir em uma parte da obra” (Todorov, 2017, p. 50). É necessário considerá-la em sua totalidade.

Quadro 1 – Delimitações dos gêneros literários estranho, fantástico e maravilhoso, segundo Todorov.

ESTRANHO PURO	É o gênero em que se relatam acontecimentos que podem ser perfeitamente explicados pelas leis da razão, mas que ainda assim são incríveis, extraordinários e chocantes, o que provoca no leitor uma sensação semelhante à dos textos fantásticos.
FANTÁSTICO-ESTRANHO	Também chamado de “sobrenatural explicado”. É um subgênero em que os acontecimentos que parecem sobrenaturais ao longo de toda a história recebem, ao fim, uma explicação racional.
FANTÁSTICO PURO	Fronteira entre dois domínios vizinhos (estranho e maravilhoso). É o gênero em que a hesitação permanece até o fim da obra.
FANTÁSTICO-MARAVILHOSO	É o subgênero mais próximo ao fantástico puro, uma vez que apresenta as narrativas em que os acontecimentos sobrenaturais são aceitos ao fim da obra.
MARAVILHOSO PURO	É o gênero em que os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nas personagens ou no leitor implícito. O caráter maravilhoso das narrativas se dá pela própria natureza dos acontecimentos.

Fonte: A autora, a partir de Todorov, 2017, p. 50-60.

As demarcações de Todorov quanto aos limites entre um gênero e outro, apesar de sutis, podem ser sistematizadas em duas características principais: as *sensações* causadas pelos acontecimentos narrados e a *natureza* desses acontecimentos. Nesta perspectiva, mundos mágicos só podem ser inseridos na classificação do gênero *maravilhoso puro*, considerando o fato de que os sentimentos das personagens — e do leitor — não causam interferências nas *naturezas* dessas realidades; isto é, não há espaço para dúvidas ou hesitações sobre a existência de magia em universos que assim se constituíram semanticamente. Isto pode ser notado muito claramente nas séries *Harry Potter* e *A Arma Escarlate*: apesar de, em um primeiro momento, seus protagonistas questionarem a essência mágica dos eventos insólitos que os cercam (Rowling, 2000b, p. 54-55; Ventura, 2012, p. 42-46), sua incredulidade não modifica o fato de ambos serem bruxos ou de poderem transitar livremente entre o mundo comum e o da magia, invisível e inacessível aos *trouxas* e *Azêmolos*¹².

¹² Trouxas (Muggle, no original em inglês) e Azêmolos são os nomes usados para se referir às pessoas comuns, sem poderes mágicos, nas séries *Harry Potter* e *A Arma Escarlate*, respectivamente.

2.1 J. K. ROWLING E A SÉRIE *HARRY POTTER*

Joanne Rowling (figura 5) nasceu em 31 de julho de 1965 na cidade de Yate, situada nas proximidades de Bristol, e passou a infância entre Gloucestershire, na Inglaterra, e Chepstow, no sudeste do País de Gales. Filha de um engenheiro aeronáutico e de uma técnica em ciências, Rowling cresceu rodeada por livros, mostrando afinidade pela profissão de escritora desde muito cedo: a sua primeira história foi escrita aos seis anos de idade — um conto sobre um coelho chamado “Coelho” — e, aos onze, o seu primeiro romance, este sobre sete diamantes amaldiçoados e as sete pessoas que os possuíam. Após finalizar os estudos básicos, cursou Francês e Línguas Clássicas na Universidade de Exeter, o que incluiu um ano de estudos em Paris. Depois de formada, trabalhou em diversas áreas, embora afirme¹⁴ que a que mais tenha lhe inspirado seja a ocupação de pesquisadora na Anistia Internacional.

A ideia da série *Harry Potter*, porém, foi concebida em 1990, enquanto a escritora esperava por um trem atrasado que a levaria de Manchester ao terminal de King’s Cross, em Londres. Ao longo dos cinco anos seguintes, Rowling mapeou, à mão, todos os sete livros da série, o que resultou em um amontoado de notas, a maioria em folhas avulsas. Após o falecimento de sua mãe no mesmo ano, Rowling se mudou para Portugal, onde ensinou inglês como língua adicional e, em 1992, se casou com o jornalista e apresentador Jorge Arantes. No ano seguinte, depois do nascimento de sua primeira filha, Jessica, a escritora se divorciou e retornou ao Reino Unido para morar em Edimburgo — onde ainda vive com o anestesista Neil Murray, com quem se casou em 2001, e seus filhos mais novos, David e Mackenzie —, onde continuou a trabalhar como professora e, nos períodos livres, a escrever o primeiro volume de sua série mais famosa.

Ao completar o manuscrito de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, Rowling enviou os três primeiros capítulos a vários agentes literários, sendo que apenas um retornou o interesse pela publicação: vinculado à editora Bloomsbury Children’s Books, que lançou a primeira edição

Figura 5 – Joanne Rowling. Fotografia por Debra Hurford Brown para o *website* pessoal da escritora.



Fonte: J. K. Rowling¹³.

¹³ Disponível em: <https://www.jkrowling.com/wp-content/uploads/2022/05/J.K-Rowling-2021-Photography-Debra-Hurford-Brown-scaled.jpg>. Acesso em: 16 de junho de 2023.

¹⁴ Informação retirada do *website* pessoal da escritora. Disponível em: <https://www.jkrowling.com/about/>. Acesso em: 16 de junho de 2023.

em junho de 1997¹⁵. Para tanto, a escritora precisou utilizar o pseudônimo de J. K. Rowling — o “K” equivalendo à abreviatura de “Kathleen”, nome que adotou de sua avó paterna —, uma vez que a editora pensou que um nome feminino não chamaria a atenção de seu público-alvo: os meninos pré-adolescentes. Nos anos seguintes, outros seis volumes se juntaram à essa primeira publicação, todos *best-sellers* que lhe conferem prêmios até hoje.

Por meio de uma linguagem simples e envolvente, condizente com a faixa etária infanto-juvenil, os quatro primeiros livros da série (figura 6) apresentam a trajetória de Harry Potter, um menino órfão, em sua descoberta não apenas do mundo mágico em que se vê inserido ao completar onze anos de idade, mas também de si mesmo. Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, o jovem protagonista recebe uma carta que o revela como um bruxo ao mesmo tempo em que garante a sua vaga na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Em meio às aulas em que aprende a desenvolver os seus dons mágicos, Harry cria uma forte amizade com Rony e Hermione enquanto desvendam os mistérios em torno a pedra filosofal — uma joia que garante a imortalidade ao seu usuário — e de sua conexão com o bruxo das trevas que a procura, Lorde Voldemort. *Harry Potter e a Câmara Secreta* acompanha Harry em seu segundo ano na escola, período este em que o ambiente escolar é aterrorizado pela abertura de um lendário e desconhecido ambiente projetado por Salazer Slytherin, um dos quatro fundadores de Hogwarts. A câmara secreta abriga um mortal basilisco¹⁶ que petrifica todos os estudantes que o encontram e, enquanto Harry e seus amigos tentam encontrar soluções para a ameaça, descobrem sua incommon — e estigmatizada — habilidade de falar com cobras.

Já em *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, o jovem bruxo retorna à escola para o seu terceiro ano enquanto lida com as profecias mortais da professora de Adivinhação e a ameaça causada pela fuga do perigoso Sirius Black, que todos acreditam ser um dos aliados de Voldemort. Ao mesmo tempo em que aprende mais sobre a escola por meio de um mapa mágico, Harry descobre novas informações sobre o passado de seus pais e o seu próprio. Com a ajuda de Rony e Hermione, utiliza um objeto mágico para voltar algumas horas no tempo e, com isto, impedir que injustiças sejam feitas. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, no entanto, representa um marco na narrativa: além de apresentar a Copa Mundial de Quadribol¹⁷, Hogwarts é selecionada

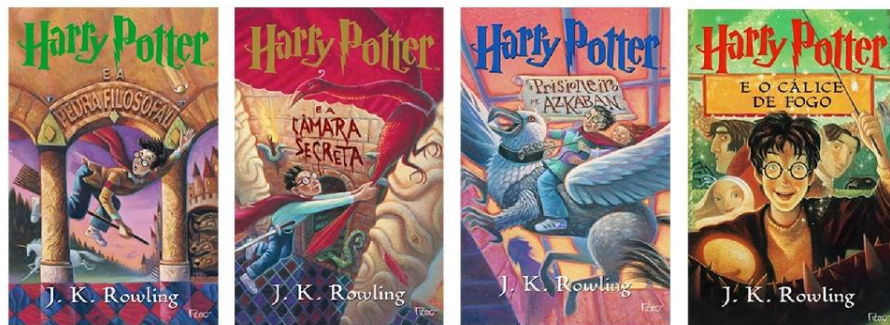
¹⁵ No Brasil, a série *Harry Potter* chegou por meio da Editora Rocco e com tradução de Lia Wyler — estas são, inclusive, as edições utilizadas para o desenvolvimento desta pesquisa. Os três primeiros volumes foram lançados somente no ano de 2000, com os seguintes estreando apenas alguns meses após as publicações originais.

¹⁶ Resultado de um ovo de galinha chocado por sapo, “O basilisco é uma cobra verde-vivo que pode alcançar quinze metros de comprimento. O macho tem uma pluma vermelha na cabeça. Suas presas são excepcionalmente venenosas, mas seu órgão de ataque mais poderoso são os grandes olhos amarelos. A pessoa que os encara sofre morte instantânea” (Rowling; Scamander, 2001, p. 24-25).

¹⁷ Quadribol (Quidditch, em inglês) é o nome dado ao esporte mais popular e favorito dos bruxos. É jogado em vassouras voadoras e envolve duas equipes, cada uma composta por sete jogadores, que competem para marcar

para sediar o Torneio Tribruxo, uma competição entre as três escolas de magia da Europa — Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, Academia de Magia Beauxbatons e Instituto Durmstrang. Embora apenas os bruxos maiores de idade pudessem competir, o nome de Harry também é selecionado. Enquanto lida com as complexidades do torneio, um desentendimento com Rony e aterradoras visões, Harry acaba presenciando o ritual que devolve a alma de Voldemort a um corpo físico, ainda que disforme.

Figura 6 – Capas dos quatro primeiros livros da primeira edição brasileira da série *Harry Potter*.



Fonte: A autora.

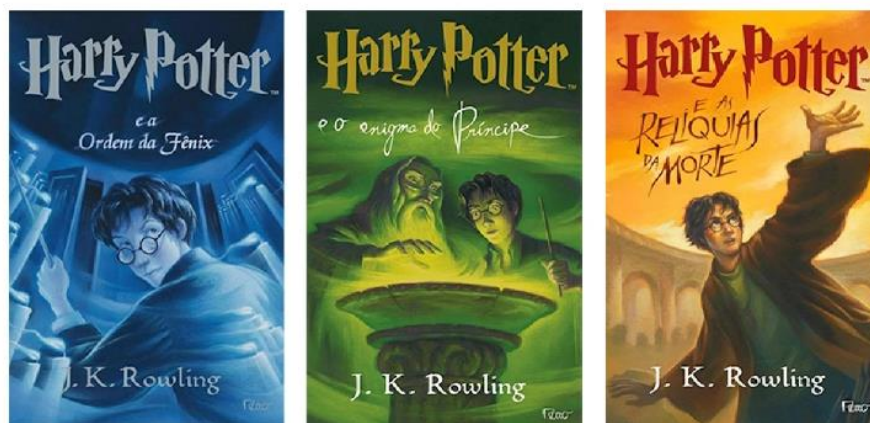
Os três últimos livros da série (figura 7), por sua vez, apresentam uma narrativa mais sombria e madura — propícia ao público adolescente que cresceu junto ao protagonista. Nos volumes que seguem, é perceptível o fato de que as aventuras que antes motivavam a descoberta da escola e do mundo mágico, agora centram-se na preparação de Harry e seus amigos para sobreviver à inevitável batalha contra Voldemort. Em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, Harry retorna à Hogwarts para o seu quinto ano enquanto enfrenta a negação do Ministério da Magia sobre o retorno de Voldemort e os esforços da mídia em desacreditá-lo por meio de reportagens d’*O Profeta Diário*, o principal jornal dos bruxos. Harry, com a ajuda de seus amigos, contraria as diretrizes impostas à escola ao formar a Armada de Dumbledore, um grupo de estudos que pratica ativamente os ensinamentos contra as artes das trevas; ao mesmo tempo, a sua ligação com Voldemort se torna ainda mais tangível ao descobrir uma profecia que pode modificar o seu destino.

Já *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* narra os acontecimentos do ano em que Alvo Dumbledore — diretor de Hogwarts — prepara Harry para enfrentar Voldemort diretamente.

pontos lançando uma bola chamada “Goles” nos três aros defendidos por um goleiro. Além dessa, há mais três bolas em campo: dois “Balaços” — são bolas agitadas e violentas que percorrem o campo a fim de derrubar os jogadores de suas vassouras; é função dos batedores direcioná-las aos adversários — e um “Pomo de Ouro” — uma bola muito pequena, dourada e veloz; o apanhador do time deve se concentrar em capturá-la antes do time adversário, já que ela finaliza o jogo e vale 150 pontos.

Por meio de lembranças coletadas¹⁸, o diretor conduz o jovem bruxo pelo passado de Voldemort a fim de compreendê-lo, o que os leva ao conhecimento sobre as Horcruxes¹⁹ feitas intencionalmente pelo bruxo das trevas. Paralelamente a isto, Voldemort organiza um ataque focado na escola de magia por meio de seus seguidores, os Comensais da Morte. Por fim, *Harry Potter e as Relíquias da Morte* conclui a narrativa. Com Hogwarts sob influência do Lorde das Trevas, o ambiente escolar deixa de ser um abrigo para os alunos nascidos trouxas e mestiços, o que leva Harry, Rony e Hermione a abandonarem o último ano de estudos para buscarem as Horcruxes que ainda precisavam destruir. Esta jornada, no entanto, os conduz eventualmente de volta à Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, onde encontram os itens restantes e, consequentemente, batalham contra Voldemort e seus Comensais.

Figura 7 – Capas dos três últimos livros da primeira edição brasileira da série *Harry Potter*.



Fonte: A autora.

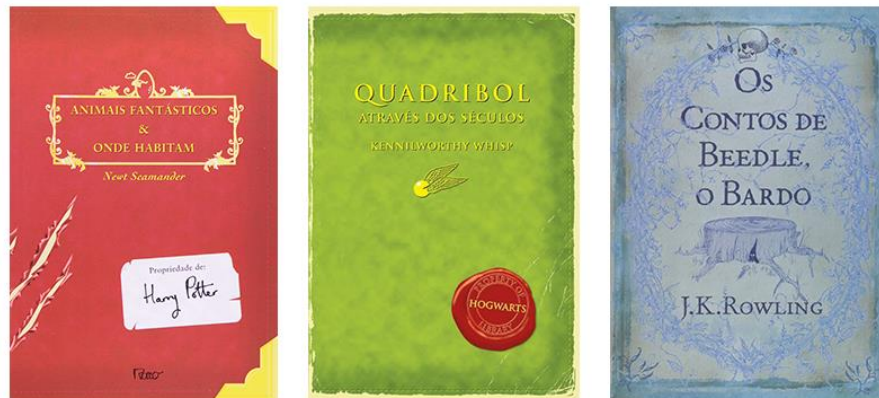
O sucesso dos livros resultou, consequentemente, em diversos produtos relacionados à série, entre os quais destacam-se as adaptações para o cinema, produzidas pela Warner Bros. entre os anos de 2001 e 2011. Também em 2001, Rowling lançou dois pequenos livros: *Animais Fantásticos & Onde Habitam* — que deram origem a três filmes sobre a personagem Newt Scamander, lançados entre os anos de 2016 e 2022 — e *Quadribol Através dos Séculos*, ambos representando edições utilizadas por Harry Potter em suas aulas na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Estes livros foram lançados em parceria com a organização Comic Relief, para

¹⁸ Existe uma magia que permite que os bruxos selecionem e armazenem suas lembranças — em uma substância branco-prateada e de aspecto entre o líquido e o gasoso — para serem revisitadas futuramente (Rowling, 2001, p. 464).

¹⁹ Horcruxes são objetos mágicos criados através de um ritual de magia das trevas com a finalidade de dividir a alma do bruxo que as cria, tornando-o imortal. Para criá-los, é necessário cometer um ato terrível, como tirar a vida de alguém — somente assim a alma se romperia e o bruxo poderia vincular uma das partes em um objeto; assim, mesmo que seu corpo físico seja destruído, sua alma permanece vinculada à terra (Rowling, 2005, p. 390).

quem é destinado todos os *royalties* dessas vendas. Em 2008, outra publicação foi adicionada a essa dupla: *Os Contos de Beedle, o Bardo*. Embora o trio componha o box intitulado “Biblioteca de Hogwarts” (figura 8), este terceiro volume direciona os seus *royalties* para outra instituição, Lumus.

Figura 8 – Capas da primeira edição brasileira dos três livros extras da série *Harry Potter*, que compõem a chamada “Biblioteca de Hogwarts”.



Fonte: A autora.

Em 2012, a escritora inaugurou a plataforma digital Pottermore — a qual reúne uma grande quantidade de informação sobre o universo mágico de Rowling, bem como conteúdos interativos — que, em 2019, passou a se chamar Wizarding World Digital, embora a marca Pottermore Publishing permaneça como uma editora digital. Essa plataforma online está vinculada, inclusive, a projetos de videogame como “Hogwarts Mystery”, “Hogwarts Legacy” e “Magic Awakened”, nos quais o jogador pode experimentar o mundo (e Hogwarts!) construído por Rowling em épocas distintas da história original. Em 2016, John Tiffany e Jack Thorne publicaram o roteiro da peça teatral *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*, a qual se passa dezenove anos após os eventos do último livro da série de Rowling. Focado no filho mais novo de Harry, Alvo Severo Potter, a narrativa se constrói a partir de uma viagem no tempo com o seu melhor amigo, Escórpio Malfoy. Enquanto os jovens bruxos tentam salvar a vida de Cedrico Diggory, um dos participantes do Torneio Tribruxo, suas ações desencadeiam uma série de consequências inesperadas. Outra produção que se juntará à franquia de *Harry Potter* será uma série de TV produzida pela HBO Max, confirmada no primeiro semestre de 2023, algo que promete encantar não apenas os fãs mais antigos, mas também as crianças e os adolescentes das novas gerações.

Além de *Harry Potter*, Rowling lançou em 2012 o seu primeiro romance para adultos, intitulado *Morte Súbita*, o qual recebeu traduções para 44 línguas e uma adaptação para a TV

em 2015, pela BBC. Sob o pseudônimo de Robert Galbraith, a escritora publicou também uma série de romances criminais, protagonizada por um policial chamado Cormoran Strike, que também foi adaptada para a TV pela BBC e pela HBO.

2.2 RENATA VENTURA E A SÉRIE *A ARMA ESCARLATE*

Renata Pacheco Ventura (figura 9) nasceu em março de 1985, mesmo ano da redemocratização do Brasil. Natural do Rio de Janeiro, cresceu em meio aos livros, tanto os de aventura e fantasia quanto os de filosofia, política e história, o que influenciou diretamente a sua escrita. O seu primeiro livro — ainda que não fosse publicado — foi escrito aos dez anos de idade, em parceria com uma amiga: uma aventura centrada em duas espãs. Apesar da pouca idade de Ventura nessa época, sua narrativa já debatia assuntos políticos, entre os quais a Crise dos Mísseis de Cuba. Entre os anos de 1999 e 2004, Ventura finalizou os estudos básicos em Houston, nos Estados Unidos. Nesta época, escreveu o seu segundo livro — também não publicado —, totalmente em inglês. Ainda no país estadunidense, a escritora cursou a faculdade de Comunicação Social na Universidade de Houston. Neste período, aprendeu a língua neutra Esperanto, a qual lhe ajudou a combater a timidez e a se comunicar com pessoas de todos os continentes (Renata..., s/d). Além disto, o conhecimento de Esperanto possibilitou a produção de seu primeiro documentário, *Bionika*, e a visitação à sede das Nações Unidas em Nova Iorque.

De volta ao Brasil em 2004, Ventura continuou a sua graduação de Comunicação Social — com especialização em Jornalismo — pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, concluída em 2006. Sua monografia, intitulada *100% Off – O Manual do Colonizado*, abordou a colonização cultural do brasileiro, um tema bastante recorrente em sua escrita. Após formada, Ventura trabalhou por três anos com o documentarista Silvio Tendler, fazendo pesquisa e roteiros para o cinema, antes de decidir se dedicar exclusivamente à carreira de escritora. Assim, em 2011 Ventura lançou o primeiro livro da série *A Arma Escarlata* (figura 10), a qual recebeu de seus leitores o apelido de “Harry Potter Brasileiro”.

Figura 9 – Renata Ventura. Fotografia do *website* pessoal da autora.



Fonte: Renata Ventura²⁰.

²⁰ Disponível em: <https://i0.wp.com/renataventura.com.br/wp-content/uploads/2016/04/CODEX-RENATA.jpg?fit=1024%2C680&ssl=1>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

Figura 10 – Capas dos quatro livros (publicados até o momento) da série *A Arma Escarlate*.



Fonte: A autora.

A ideia inicial para a narrativa surgiu de uma entrevista de J. K. Rowling, na qual um fã questionou a possibilidade de a escritora inglesa publicar um livro sobre a escola de magia estadunidense; ao negar, Rowling o incentivou a escrever sua própria história, algo que Ventura comenta em uma nota inicial do primeiro livro:

Sentindo-me autorizada pela própria Sra. Rowling, resolvi aceitar o desafio: como seria uma escola de bruxaria no Brasil? Especificamente para este primeiro livro, como seria uma escola de bruxaria no Rio de Janeiro? Certamente não tão completa, nem tão perfeita, quanto uma escola britânica. Talvez ocorressem algumas falcatruas aqui, outras maracutaias ali... certamente trabalhariam nela alguns professores geniais, porém mal pagos. Com certeza não seria em um castelo. Faltaria verba para tanto. Mas, quem sabe, dentro de uma montanha. Há centenas no Rio de Janeiro (Ventura, 2012, p. 11).

E assim surgiu o primeiro volume, *A Arma Escarlate*, que também nomeia a série. A narrativa inicia no ano de 1997, quando, em meio a um tiroteio na favela Santa Marta, um menino de 13 anos de idade descobre que é um bruxo. Diferentemente de Harry Potter, Idá Aláàfin Abiodun — que se apresenta no mundo mágico como Hugo Escarlate por odiar o próprio nome — não é tão certinho ou “ingênuo a respeito das realidades duras da vida” (Ventura, 2012, p. 11). Filho de mãe solteira e de um pai que desconhece, parte para a Notre Dame do Korkovado — a escola de magia do Rio de Janeiro — a fim de aprender magia o suficiente para que possa enfrentar o chefe do complexo Dona Marta, que ameaça a sua família. Dividido em duas partes, o livro apresenta o primeiro contato de Hugo com o mundo mágico e sua sociedade. Apesar de seu temperamento arredio, contudo, Hugo cria fortes laços com o grupo mais popular da escola — os Pixies —, além de uma forte inimizade com o líder do grupo oposto — os Anjos. Em paralelo, uma misteriosa ligação entre o protagonista e um mago africano envolve os leitores ao mesmo tempo em que Hugo aprende sobre as consequências derivadas do uso impulsivo de sua magia. Um detalhe muito interessante deste livro está ainda na nota inicial da autora, em que destaca que “As opiniões do narrador não representam, de modo algum, as opiniões da autora.

O narrador é solidário ao que Hugo pensa e sente” (Ventura, 2012, p. 12), o que é compreensível, considerando a grande proximidade do protagonista com o tráfico de drogas. Diferentemente do volume inicial de *Harry Potter*, a série literária de Ventura, ainda que se ancore em um mundo de fantasia mágica muito semelhante ao de Rowling, não é uma história voltada ao público infanto-juvenil.

Em *A Comissão Chapeleira*, Hugo retorna à Korkovado para o seu segundo ano escolar em meio à culpa que carrega pelos acontecimentos desastrosos que causou no ano anterior. Embora tenha planejado se tornar uma pessoa melhor, cede às chantagens do vendedor de quem roubara a sua varinha escarlate, obrigando-o a pagá-la por meio de pequenos furtos na loja em que se tornara aprendiz de varinheiro durante as férias. Junto a isto, 1998 é um ano de eleição no mundo mágico brasileiro, cujo resultado causa uma grande reviravolta na escola de magia: a interferência de uma comissão que pretende uniformizar o ensino brasileiro e o comportamento dos alunos de acordo com os padrões europeus. Em meio a proibições, sumiços, e um Alto Comissário que encanta tanto quanto pune, o livro questiona aspectos políticos e sociais diretamente relacionados aos terrores da ditadura brasileira. Paralelamente, Ventura apresenta aos leitores o Instituto Paraguaçu de Ensino Bruxo — a escola de magia da região nordeste — enquanto esclarece mais um pouco da misteriosa ancestralidade bruxa de Hugo.

O Dono do Tempo, por sua vez, é dividido em dois volumes. No primeiro, composto por três partes, Hugo e seus amigos iniciam o terceiro ano escolar enquanto enfrentam as consequências derivadas da passagem da comissão chapeleira pela escola de magia, um resquício duradouro da repressão violenta do governo conservador e autoritário eleito no ano anterior. Por meio de uma escrita sensível que denuncia os danos físicos e psicológicos causados pela tortura ao mesmo tempo em que ressalta a importância e os desafios de lutar pela verdade, Ventura confronta os sentimentos e as relações de afeto e desafeto em torno do protagonista. Apesar disto, o medo da perda inesperada impulsiona Hugo a se arriscar na densa floresta Amazônica, onde busca a cura para uma doença raríssima para os bruxos. Para tanto, Ventura apresenta aos leitores ao Colégio Boiuna, a escola itinerante no norte do país. Por fim, o segundo volume dá continuidade ao anterior. Em sua busca desesperada, Hugo descobre em pouco tempo a complexidade de culturas, línguas, mitos, práticas e poderes que envolvem a Amazônia, a qual é povoada por um misto de fauna e flora tão encantadores quanto sua letalidade. A conquista da cura milagrosa, porém, é adquirida por Hugo através de uma maneira bastante inesperada.

Atualmente, a escritora trabalha no quarto volume da saga — *Um Diamante Bruto* —, o qual terá parte de sua narrativa acontecendo no Sul do Brasil, um “[...] lugar igualmente má-

gico, como todas as regiões do Brasil são” (Renata..., s/d).

2.3 REALIDADE X FICÇÃO: O PAPEL DOS LIVROS

Em uma pesquisa cujo objeto de estudo são séries literárias de mídia física, torna-se impossível não abordar a materialidade dos livros. Em obras de ficção, é natural que as publicações atuem como um meio de transporte entre a realidade que nós, leitores, conhecemos e habitamos e a realidade construída — seja ela fantástica ou similar à nossa. Em *Harry Potter e A Arma Escarlate*, porém, esta característica vai um pouco mais além: o objeto literário atua como um mediador sólido e consistente entre o plano real e o da ficção.

Em *Harry Potter*, acompanhamos a trajetória do jovem bruxo ao longo de seus sete anos escolares, durante os quais Rowling citou alguns dos livros utilizados nas aulas de magia ou mesmo fora delas. Nos anos de 2001 e 2008, no entanto, a escritora resolveu publicá-los como um complemento aos livros originais, sob a forma de uma representação real de sua versão fictícia. A primeira edição de *Animais Fantásticos & Onde Habitam* conta, ainda, com um prefácio escrito pela personagem Alvo Dumbledore, no qual destaca:

Esta edição, porém, tem um objetivo mais elevado do que a instrução da comunidade bruxa. Pela primeira vez na história da nobre casa da editora Obscurus, um dos seus títulos será oferecido à venda para trouxas.

[...]

Agora o mundo dos bruxos tem o privilégio de ajudar o Comic Relief em sua obra. Você tem em suas mãos uma duplicata do *Animais fantásticos* que pertence a Harry Potter, completa com as notas informativas que ele e seus amigos fizeram às margens das páginas. [...]

Esta edição de *Animais fantásticos & onde habitam* será vendida na Floreio e Borrões, bem como nas livrarias trouxas (Rowling; Scamander, 2001, p. 7-8, grifos dos autores).

Desta forma, um objeto que deveria existir apenas no mundo mágico criado por Rowling, rompe as barreiras da ficção para existir também no mundo real. Ainda que o livro seja apresentado (e vendido) como uma obra de ficção, não se pode excluir uma provável tangência entre realidades alternativas ao considerarmos a teoria dos mundos possíveis — norteadora da presente pesquisa. Isto se torna ainda mais evidente ao se analisar a edição revista da mesma obra, publicada em 2017, que entrelaça não apenas os livros da série literária com a realidade dos leitores, como inclui, também, os acontecimentos da primeira produção cinematográfica em que Newt Scamander atua como protagonista:

[...] Permite o relançamento do livro apenas com a condição de que fosse incluída uma advertência, garantindo aos leitores trouxas que esta é uma obra de ficção. [...] Depois da revelação de determinados documentos secretos guardados no Ministério

da Magia, recentemente o mundo bruxo soube um pouco mais a respeito da criação de *Animais fantásticos & onde habitam*.

Ainda não tenho condições de contar toda a história de minhas atividades nas duas décadas em que Gerardo Grindelwald aterrorizou o mundo bruxo. À medida que outros documentos venham a ser revelados nos próximos anos, terei mais liberdade para falar abertamente sobre meu papel nesse período sombrio de nossa história (Rowling; Scamander, 2017, grifo dos autores).

De modo semelhante, *Quadribol Através dos Séculos* apresenta em sua folha inicial uma ficha de empréstimos — muito parecida com a encontrada em bibliotecas ao redor do mundo. Sua diferença está justamente nos nomes listados: todos de personagens da série *Harry Potter*, acompanhados por um aviso de Irma Pince, bibliotecária da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Além disto, o exemplar que chegou às mãos dos leitores, também acompanha um prefácio de Alvo Dumbledore. Em *Os Contos de Beedle, o Bardo*, a interação entre ficção e realidade ocorre de maneira distinta, com J. K. Rowling assumindo a autoria do texto e das ilustrações. Apesar disto, a obra também acompanha comentários do diretor de Hogwarts, além de ser identificada com o mesmo conteúdo que aparece em posse de Hermione Granger em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. O fato de a bruxa ser mostrada como tradutora das runas originais apenas torna as fronteiras entre o real e a ficção mais enevoadas.

Já em *A Arma Escarlate*, isto ocorre de uma forma mais sutil, ainda que muito perceptível aos leitores da série *Harry Potter*. O ano em que o primeiro volume inicia é 1997; segundo a cronologia dos livros britânicos, é também o ano em que Alvo Dumbledore, diretor de Hogwarts, morre. Zoroasta Maria Leopoldina Isabel Xavier Gonzaga da Silva, diretora da Nossa Senhora do Korkovado, vai à escola de magia britânica para o enterro²¹ e, quando retorna ao Brasil, traz consigo um livro que se torna uma polêmica no mundo bruxo brasileiro:

Já na primeira noite de seu retorno, Hugo notara grupinhos de professores reunidos pelos corredores, conspirando, cochichando, fofocando com bruxos desconhecidos, e a fofoca se espalhara para os alunos também, que liam furtivos pelos cantos um livro de capa colorida com um desenho na frente, ainda não traduzido para o português. O mesmo livro que os professores, tão energicamente, brandiam pelos corredores.

[...]

“Quem aquela bruxenga loira pensa que é?”

[...]

“Então esse livro aí é...”

“Sobre a gente. Um livro para mequetrefes, sobre o mundo bruxo.”

[...]

“Mas esses não são personagens! São pessoas que realmente existem! Isso é um absurdo! É perigoso! Os Azêmolos vão bisbilhotar, vão ficar procurando bruxo por tudo que é canto!”

[...]

²¹ Embora não fique explícito que Zoroasta tenha ido para o enterro de Dumbledore, isto é o que se pode deduzir dos diálogos que ocorrem nas páginas 238 e 239 de *A Arma Escarlate*, o que fica ainda mais evidente na página 295, quando um dos professores da Korkovado comenta que “[...] A Zô achou [o livro] lá numa vendinha qualquer da Inglaterra [...]”.

“Pobrezinho do rapaz...” Gardênia lamentou. “O pobre já é famoso no nosso mundo; agora até os mequetrefes²² vão querer um autógrafo dele...” (Ventura, 2012, p. 295).

Ainda que a autonomia literária da obra de Ventura não determine exatamente o título do livro mencionado por suas personagens ou mesmo sua autoria, o leitor atento o relacionará com o primeiro volume da série britânica, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, originalmente também publicado no ano de 1997 e cuja tradução chegou ao Brasil apenas em 2000. Neste aspecto, as tangências entre os mundos fictícios e o real se tornam ainda mais indeterminadas, uma vez que pode-se perceber uma transposição de realidades literárias. Disto é plausível estabelecer as seguintes configurações de mundos possíveis:

1. O mundo real conhecido e habitado pelos leitores, em que os mundos de *Harry Potter* e *A Arma Escarlata* são meramente fictícios.
2. O mundo de *Harry Potter* é uma realidade alternativa à nossa, em que a magia existe e as escolas de magia são divididas da seguinte forma:
 - a. Academia de Magia Beauxbaton, situada nos Pirineus;
 - b. Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, situada nas terras altas da Escócia;
 - c. Castelobruxo, situada no Brasil;
 - d. Ilvermorny School of Witchcraft and Wizardry, situada no Monte Greylock;
 - e. Instituto Durmstrang, situada no norte europeu;
 - f. Mahoutokoro, situada no Japão;
 - g. Ugadou, situada em Uganda.
3. O mundo de *A Arma Escarlata* é uma realidade alternativa à nossa, em que a magia existe, bem como o mundo de *Harry Potter*, ainda que de forma adaptada. No caso no Brasil, existem cinco escolas:
 - a. Colégio Boiuna, situado na região norte;
 - b. Colégio Tordesilhas, situado na região sul. Nesta região há, também, a escola Chiron, específica para centauros;
 - c. Instituto Paraguaçu de Ensino Bruxo (também chamado de Cidade Média), situado em Salvador, na região nordeste;
 - d. Notre Dame do Korkovado, situada no Rio de Janeiro, na região sudeste.
 - e. A escola situada em Brasília, na região centro-oeste, ainda não teve o seu nome mencionado na série.

A partir desta dedução tem-se, portanto, a noção de como os multiversos literários podem

²² Nomenclatura sugerida por um grupo de alunos — os Pixies — da série *A Arma Escarlata* para se referir às pessoas não mágicas;

se constituir: por meio de uma base prévia, conjectura-se pequenas modificações. Estas, por sua vez, originarão outros possíveis, como nos exemplos aqui estudados: a partir da inserção da magia no mundo real, tem-se o mundo mágico de Rowling; a partir de uma variação do mundo de Rowling, tem-se o mundo de Ventura. Esta sequência de variações, portanto, pode continuar de forma infinita, gerando mundos literários infinitos, assim como havia sido teorizado pelos filósofos da Antiguidade, por Gottfried Leibniz, e mesmo por Stephen Hawkins e Thomas Hertog — ainda que estes pensadores considerassem mundos reais em seus estudos, e não somente suas possibilidades semânticas, como John E. Nolt.

SPECIALIS REVELIO

OS MUNDOS POSSÍVEIS DAS ESCOLAS DE MAGIA

Embora a construção de mundos fictícios seja uma temática muito abordada em estudos de escrita criativa — ou mesmo em manuais de RPGs —, a pesquisa literária quanto à sua relação com a teoria dos mundos possíveis permanece ancorada de modo quase exclusivo à autoridade do teórico tcheco Lubomír Doležel. Em um artigo intitulado “Mimesis and possible worlds” (1988), Doležel parte da ideia comum de mimesis como uma ficção derivada da realidade, isto é, uma imitação ou representação de algo já existente, para propor o conceito de *pseudomimesis*. Este, por sua vez entendido como uma variação mimética baseada no “[...] pressuposto de que os reinos ficcionais em geral e as mentes ficcionais em particular existem independentemente do ato da representação, aguardando por suas descobertas e descrições” (Doležel, 1988, p. 480, tradução minha)²³, contribui para as discussões acerca do modo com que os mundos possíveis são constituídos na literatura. A partir disto, o teórico especifica três princípios lógicos a serem observados:

1. **Mundos ficcionais são conjuntos de circunstâncias possíveis.** A característica mais importante do modelo de mundos possíveis é a legitimação de que não há variedades reais (indivíduos, atributos, acontecimentos, circunstâncias, etc.) [...]. A semântica ficcional derivada deste modelo aceitará o conceito do indivíduo ficcional sem dificuldades [...], descritos e especificados em seus diversos aspectos e propriedades. [...]
2. **O conjunto de mundos possíveis é ilimitado e variado ao máximo.** Se os mundos ficcionais são interpretados como mundos possíveis, a literatura não está restrita às imitações do mundo real. [...] Certamente, a semântica dos mundos possíveis não exclui de seu escopo ficcional os mundos similares ou análogos ao verdadeiro; ao mesmo tempo, não há problema em incluir os mais fantásticos dos mundos, tão distantes da, ou contraditórios à, “realidade”. [...]
3. **Os mundos ficcionais são acessíveis pelo mundo real.** A semântica dos mundos possíveis legitima a soberania dos mundos ficcionais em relação ao mundo real; ao mesmo tempo, no entanto, a sua noção de acessibilidade demonstra um esclarecimento do nosso contato com os mundos ficcionais. Um acesso que requer a travessia dos limites entre os mundos; o trânsito de um reino de existência verdadeira a um reino de possibilidades ficcionais (Doležel, 1988, p. 482-485, grifos do autor, tradução minha)²⁴.

²³ No original em inglês, “[...] presupposition that fictional realms in general and fictional minds in particular exist independent of the act of representation, awaiting their discovery and description”.

²⁴ No original em inglês, “1. **Fictional worlds are sets of possible states of affairs.** The most important feature of the possible-worlds model is its legitimation of non-actualized possibles (individuals, attributes, events, states of affairs, etc.) [...]. A fictional semantics derived from this model will accept the concept of fictional particular without difficulties [...], described and specified in their diverse properties and aspects. [...] 2. **The set of fictional worlds is unlimited and maximally varied.** If fictional worlds are interpreted as possible worlds, literature is not

As considerações de Doležel determinam, portanto, a maneira com que as realidades ficcionais podem ser percebidas: como um conjunto de circunstâncias possíveis e ilimitadas, permitem alguma semelhança com o mundo que conhecemos e habitamos, ainda que não se trate de um reflexo idêntico dessa realidade. Assim, este pensamento segue os mesmos ideais defendidos por Nolt e Todorov, como visto nos capítulos anteriores: os mundos possíveis como criações semanticamente lógicas que possuam alguma ligação referencial com o “mundo real”. No caso da literatura, essa ligação acontece justamente por meio da materialidade dos livros.

As duas séries aqui estudadas, pertencentes ao gênero maravilhoso puro devido às suas naturezas de fantasia mágica, apresentam todos os requisitos de Doležel quanto à possibilidade existencial de seus mundos ficcionais. O conjunto de circunstâncias possíveis a que as séries *Harry Potter* e *A Arma Escarlate* estão inseridas está intimamente vinculado à própria criação de suas realidades: a lógica semântica do mundo mágico permite a existência de seres e criaturas mágicas juntamente aos indivíduos considerados comuns, e isto ocorre sem que a sua verossimilhança seja comprometida. Embora o objeto de estudo desta monografia esteja limitado a duas séries literárias, sendo que uma serviu de base para a segunda, a condição de “variações ilimitadas” é, também, alcançada. *A Arma Escarlate* é uma variação do mundo de *Harry Potter*, assim como este é uma variação do mundo real; se as ações e escolhas de suas personagens forem modificadas, também originarão outros possíveis, o que ocorre similarmente ao se considerar a extensa quantidade de *fanfictions* produzidas ao redor do mundo, compactuando para o ciclo infinito de realidades possíveis — que também podemos chamar de multiversos literários. Por fim, a acessibilidade a esses mundos mágicos ocorre por meio de duas esferas possíveis: a primeira e mais explícita, pela materialidade dos livros que contêm suas narrativas literárias; a segunda, pela referencialidade dos mundos fictícios com o real: ambos partem de ambientes conhecidos aos leitores para criar portais para a realidade fictícia.

3.1 O MUNDO DE *HARRY POTTER*

A série literária de J. K. Rowling apresenta aos seus leitores um mundo muito semelhante ao que conhecem; a diferença, contudo, está em um importante detalhe: além do que os olhos

restricted to the imitations of the actual world. [...] To be sure, possible-worlds semantics does not exclude from its scope fictional worlds similar or analogous to the actual world; at the same time, it has no trouble including the most fantastic worlds, far removed from, or contradictory to, ‘reality’. [...] 3. ***Fictional worlds are accessible from the actual world.*** Possible-worlds semantics legitimates the Sovereignty of fictional worlds vis-à-vis the actual world; at the same time, however, its notion of accessibility offers an explanation of our contacts with fictional worlds. The access requires crossing of world boundaries, transit from the realm of actual existents into the realm of fictional possibilities”.

das pessoas comuns conseguem enxergar, existem seres e criaturas de natureza mágica, como bruxos, vampiros, lobisomens, gigantes, e uma série de animais fantásticos. Neste contexto, tem-se uma grande quantidade de locais que são compartilhados entre os *trouxas* e a comunidade mágica, mas também limítrofes entre os “mundos”. Um desses espaços mais famosos situa-se em Londres e chama-se “O Caldeirão Furado”; os leitores de *Harry Potter* têm acesso a esta localidade logo no primeiro volume da série, quando o meio-gigante Hagrid atua como um mediador entre o mundo comum e o mágico, até então desconhecido para o jovem Harry.

Era um barzinho sujo. Se Hagrid não o tivesse apontado, Harry nem teria reparado que existia. As pessoas que passavam apressadas nem olhavam para aquele lado. Os olhos delas corriam da grande livraria a um lado à loja de discos no outro como se nem conseguissem ver O Caldeirão Furado. Na verdade Harry teve a sensação muito estranha de que somente ele e Hagrid eram capazes de vê-lo (Rowling, 2000b, p. 63).

Este é, inclusive, o ponto em que fica claro para Harry que, embora o mundo mágico exista junto ao dos *trouxas*, ele é mantido à parte: seus tios, com quem viveu até então, possuem conhecimento sobre a magia simplesmente por terem um bruxo na família; ainda assim, nenhum estabelecimento mágico estará visível ou acessível a eles, que agiriam da mesma forma como as pessoas que Harry notou passarem apressadas pela frente de O Caldeirão Furado, sem nem mesmo notá-lo. O local, que possui uma pousada integrada ao bar, como é visto ao longo da série, também atua como um portal para o complexo comercial mais famoso dos bruxos britânicos:

[...] eles passaram pelo bar e saíram num pequeno pátio murado, onde não havia nada exceto uma lata de lixo e um pouco de mato.

[...]

Ele [Hagrid] bateu na parede três vezes com a ponta do guarda-chuva. E o tijolo que tocou estremeceu, torceu-se. No meio apareceu um buraco, que se foi alargando cada vez mais. Um segundo depois se viram diante de um arco bastante grande até para Hagrid, um arco que abria para uma rua de pedras irregulares, serpeava e desaparecia de vista.

— Bem-vindo — disse Hagrid — ao Beco Diagonal (Rowling, 2000b, p. 64-65).

Escondido em meio à capital inglesa, O Beco Diagonal é o local mais movimentado da comunidade bruxa local, contendo a sede principal do único banco mágico, Gringotes, o qual é coordenado pelos perspicazes duendes. Embora este seja o prédio principal da rua de pedras irregulares, O Beco Diagonal comporta todo o comércio essencial para os bruxos, abrigando livraria, sorveteria, farmácia, artefatos de quadribol, vestuário, animais de estimação... É importante destacar, porém, que apesar das maravilhas deste ambiente, ele também comporta a Travessa do Tranco, “[...] uma ruela sombria que parecia totalmente ocupada por lojas que se dedicavam às Artes das Trevas” (Rowling, 2000a, p. 51).

O mundo mágico de *Harry Potter* abrange, evidentemente, espaços que se estendem para muito além da capital londrina, contando com oito escolas de magia, vilarejos especificamente mágicos — como Hogsmeade, próxima à Hogwarts —, ministérios da magia, centros de preservação de animais fantásticos, entre outros. Para esta monografia, porém, selecionei apenas um ponto de abordagem: a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, devido à sua qualidade de espaço principal de desenvolvimento da narrativa.

3.1.1 ESCOLA DE MAGIA E BRUXARIA DE HOGWARTS

Ainda que a data de sua criação não tenha sido oficialmente divulgada, a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts foi fundada há mais de mil anos por quatro dos maiores bruxos da época: Godrico Gryffindor, Helga Hufflepuff, Rowena Ravenclaw e Salazar Slytherin (Rowling, 2000a, p. 131). Situada nas terras altas da Escócia, a escola recebe naturalmente todos os bruxos da região, os quais recebem suas cartas de aceite ao completarem onze anos de idade. Devido à sua localização isolada e à poderosa magia que a protege, o seu acesso se dá por meio de uma locomotiva vermelha a vapor, cujo ponto de embarque é a Plataforma 9½²⁵ na estação de King’s Cross, em Londres — o Expresso de Hogwarts, como é chamado, inicia o seu trajeto sempre em 1º de setembro, às 11 horas. A própria admissão ao local de embarque se dá por uma separação entre os *trouxas* e os bruxos: para chegar a ele, é necessário passar por entre a coluna de tijolos que separa os números das plataformas 9 e 10, o que reitera o seu caráter sobrenatural e mágico.

O trajeto da capital londrina até a escola leva muitas horas, de forma que os alunos chegam ao castelo na hora do jantar. No entanto, antes de participarem do banquete de início do ano escolar, os alunos do primeiro ano precisam passar por dois rituais: no primeiro, os novatos desembarcam do Expresso às margens de um “grande lago escuro” (Rowling, 2000b, p. 99), de onde fazem a travessia:

E a flotilha de barquinhos largou toda ao mesmo tempo, deslizando pelo lago que era liso como um vidro. Todos estavam silenciosos, os olhos fixos no grande castelo no alto. A construção se agigantava à medida que se aproximavam do penhasco em que estava situado.

— Abaixem as cabeças! — berrou Hagrid quando os primeiros barcos chegaram ao penhasco; todos abaixaram as cabeças e os barquinhos atravessaram uma cortina de hera que ocultava uma larga abertura na face do penhasco. Foram impelidos por um túnel escuro, que parecia levá-los para debaixo do castelo, até uma espécie de cais subterrâneo, onde desembarcaram subindo e pisando em pedras e seixos.

Então eles subiram por uma passagem aberta na rocha, acompanhando a lanterna de

²⁵ No original em inglês, a plataforma do Expresso de Hogwarts é a 9¾.

Hagrid, e desembocaram finalmente em um gramado fofo e úmido à sombra do castelo.
Galgaram uma escada de pedra e se aglomeraram em torno da enorme porta de carvalho. (Rowling, 2000b, p. 99-100).

No segundo, são selecionados entre as quatro casas da escola — que levam o nome de seus fundadores: Grifinória, Lufa-Lufa, Corvinal e Sonserina —, para as quais receberão ou perderão pontos que são contabilizados ao final do ano; a casa que obtiver a maior pontuação recebe um troféu. Neste aspecto, apesar da grande competição gerada entre os estudantes, é importante pensar no sentimento familiar intencionado pela divisão dos alunos em “casas”: devido ao sistema de internato, eles passarão um tempo muito maior em convívio com os colegas do que com suas próprias famílias.

Apesar da importância de se observar a organização das diversificadas e exigentes aulas de magia, as quais variam entre história da magia, ensinada por um professor fantasma, o estudo das estrelas e do movimento dos planetas no alto da torre de astronomia, poções nas gélidas masmorras, ou mesmo herbologia nas grandes estufas situadas atrás da escola, o eixo da abordagem desta pesquisa está na principal sustentação do mundo mágico criado por Rowling: o espaço estrutural do castelo de Hogwarts. De origem europeia e milenar, é natural que a sua arquitetura reflita uma estética clássica e exuberante, como fica perceptível logo no primeiro contato de Harry com o interior da escola: “[...] O saguão era tão grande que teria cabido a casa dos Dursley inteira dentro. As paredes de pedra estavam iluminadas com archotes flamejantes como os de Gringotes, o teto era alto demais para se ver, e uma imponente escada levava aos andares superiores” (Rowling, 2000b, p. 101). O mesmo ocorre com a descrição do Salão Principal, onde os alunos fazem suas refeições:

Harry jamais imaginara um lugar tão diferente e esplêndido. Era iluminado por milhares de velas que flutuavam no ar sobre quatro mesas compridas, onde os demais estudantes já se encontravam sentados. As mesas estavam postas com pratos e taças douradas. No outro extremo do salão havia mais uma mesa comprida em que se sentavam os professores. [...] Harry olhou para cima e viu um teto aveludado e negro salpicado de estrelas. Ouviu Hermione cochichar:
— É enfeitado para parecer o céu lá fora, li em *Hogwarts, uma história* (Rowling, 2000b, p. 103-104, grifos da autora).

Acostumado à vida que levava com seus parentes *trouxas*, a imponência de um castelo onde a tecnologia parece nunca ter chegado — e que se mostra desnecessária —, não somente encanta e fascina o protagonista, como transporta o leitor para este mundo. As descrições, muito concretas, permitem que essa realidade mágica transcenda as páginas e se materialize na imaginação, formando um retrato muito vívido dessa realidade paralela e possível.

Havia cento e quarenta e duas escadas em Hogwarts: largas e imponentes; estreitas e precárias; umas que levavam a um lugar diferente às sextas-feiras; outras com um degrau no meio que desaparecia e a pessoa tinha que se lembrar de saltar por cima. Além disso, havia portas que não se abriam a não ser que a pessoa pedisse por favor, ou fizesse cócegas nelas no lugar certo, e portas que não eram bem portas, mas paredes sólidas que fingiam ser portas. Era também muito difícil lembrar onde ficavam as coisas, porque tudo parecia mudar freqüentemente de lugar. As pessoas nos retratos saíam para se visitar e Harry tinha certeza de que os brasões andavam (Rowling, 2000b, p. 116).

Enquanto os archotes e as velas flutuantes denotam uma atmosfera mística, essa citação configura a escola como um espaço essencialmente sobrenatural e mágico. A estrutura de pedra, semelhante a uma fortaleza, deixa de ser apenas um ambiente voltado para o estudo da magia, para ser percebido ele próprio como uma *entidade viva*: sua estrutura se movimenta, alternando padrões de acordo com uma vontade que, em um “mundo real”, não existiria. Contudo, nessa realidade se constitui como uma característica natural e semanticamente viável. Essa descrição geral da escola, porém, reserva muitos segredos que são desvendados por Harry e seus amigos ao longo da série, entre os quais tem-se, por exemplo, o alçapão guardado por Fofó — um enorme cão de três cabeças — no corredor proibido do terceiro andar, a câmara secreta — cuja entrada fica em um dos banheiros femininos — projetada por Salazar Slytherin, a qual abriga um letal basilisco, e mesmo a oculta Sala Precisa, situada no sétimo andar, que se transforma de acordo com as necessidades de quem a libera.

Entre a imensidão de aposentos do castelo, contudo, acredito que os espaços mais interessantes são as salas comunais de cada casa. Harry, que foi selecionado para a Grifinória em seu primeiro ano, logo apresenta aos leitores o ambiente aconchegante, situado ao final de um corredor ao topo de vários lances de escada, cujo retrato de uma mulher muito gorda vestida de rosa protegia a entrada — um aposento redondo cheio de poltronas fofas, cujas portas levavam, de um lado, ao dormitório das meninas, e, do outro, ao dos meninos (Rowling, 2000b, p. 114-115). O da Sonserina, situado em uma das masmorras e cujo acesso Harry tivera por meio do uso de uma Poção Polissuco — a qual permite uma pessoa se transformar em outra —, era comprido, com paredes de pedra rústica e de cujo teto pendiam correntes com luzes redondas e esverdeadas; ao redor da lareira, havia algumas cadeiras de espaldar altas (Rowling, 2000a, p. 189). Já a sala comunal da Corvinal — acessado por Harry com a ajuda de Luna Lovegood, uma de suas amigas corvinas — era ampla e circular, com janelas em arco e o teto abobadado, além de poltronas, mesas e estantes estarem espalhadas pelo recinto (Rowling, 2007, p. 457). O espaço próprio da Lufa-Lufa, no entanto, nunca chegou a ser mencionado na série. Apesar de não haver muitos detalhes em nenhuma das salas, o que Rowling disponibiliza é o suficiente para que se possa visualizá-las, considerando o próprio aspecto geral dos integrantes de cada

casa: a Grifinória, aconchegante e calorosa; a Sonserina, fria e impessoal; a Corvinal, clássica e arejada.

Além do castelo em si, a propriedade da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts estende-se às já mencionadas estufas de herbologia, ao lago negro, que abriga um polvo gigante, ao campo de quadribol, e à floresta proibida, lar dos centauros e de uma vasta flora e fauna bastante perigosa. O pátio entre a escola e a floresta conserva, ainda, um antigo Salgueiro Lutador — uma árvore mágica cujos galhos agridem a tudo e todos que lhe tocarem.

3.2 O MUNDO DE *A ARMA ESCARLATE*

O mundo construído por Renata Ventura em *A Arma Escarlata*, apesar de ter a sua origem baseada na criação de Rowling, não se prende a ela. Elaborada para um público brasileiro, a realidade fictícia de Ventura parte da própria história do Brasil e da miscigenação cultural de seu povo. De um modo muito semelhante ao que acontece em *Harry Potter*, o conhecimento do leitor acerca do mundo mágico ocorre através da trajetória realizada pelo protagonista da série que, neste caso, é um menino de 13 anos e morador do complexo Dona Marta, no Rio de Janeiro. Ao receber a sua carta de aceite em uma escola de magia — que até então desconhecia — durante um tiroteio na comunidade em que vivia, Hugo se vê sem escolha: caso ficasse na favela, morreria ou pelas mãos do chefe do morro, ou pelas mãos dos policiais, que já o haviam vinculado ao tráfico de drogas. É justamente assim que o leitor tem acesso ao primeiro momento de intersecção entre o espaço comum e o mágico — o conhecido aqueduto da Lapa, que abriga o Sub-Saara no número 11 e o Arco Center no número 17, ambos centros comerciais.

E lá estava ele novamente, de cara para o Arco de número 11. Aquilo chegava a ser embaraçoso. Por que alguém da tal escola de bruxaria não vinha receber cada um dos alunos novos? Seria tão mais fácil!
Idá releu a única instrução da carta.
Ok. Entrar de costas.
[...] “Como se faz pra entrar nessa joça?”
“Ora, de costas!” o homem repetiu, de gozação. Virando-se de costas para a parte interna do Arco, reclinou-se para trás num ângulo completamente fora do normal e metade de seu corpo desapareceu parede adentro (Ventura, 2012, p. 22-24).

Sem parentes bruxos em sua família, Hugo não tinha como saber como entrar de forma eficaz no local indicado em sua carta; a figura do exilado Mosquito, porém, surge em um momento bastante propício e demonstra como fazer: em vez de passar sob o arco, o jovem bruxo deveria passar pela parede. Assim, Hugo chega a um túnel que se abre em uma rua bastante movimentada:

Era quase impossível se mover em meio a tanta gente. O Sub-Saara era um labirinto de ruas e ruelas; um verdadeiro formigueiro. Lojas e vendedores para todos os lados, uma competição para ver quem conseguia atrair mais clientes no grito, anunciando promoções e esfregando seus produtos na cara de todo bruxo distraído que passasse, tudo ao som da Rádio Sub-Saara, que soava por todo o mercado, anunciando promoções, tocando *jingles* improvisados, enfim, uma bagunça sonora (Ventura, 2012, p. 56).

O complexo comercial do Sub-Saara apresenta-se ao leitor, portanto, como uma versão mágica dos aglomerados de lojas populares do mundo real, muito comuns nos centros das capitais brasileiras. As descrições de Ventura transportam as peculiaridades do que seus leitores já conhecem para o seu mundo de fantasia, o que agrega não apenas uma maior verossimilhança narrativa, mas também identificação com o seu público. Diferentemente do conturbado Sub-Saara, o Arco Center

[...] tinha tudo da melhor qualidade: lojas caríssimas, pisos de mármore branco, vários teatros, museus, restaurantes... Seus amplos corredores tocavam até música de fundo, além de oferecerem a seus clientes ar climatizado e elevadores panorâmicos movidos a magia. [...] Tudo era limpo, organizado, quieto... (Ventura, 2014, p. 25).

Estruturado como os shoppings do mundo real, o Arco Center é o espaço mágico voltado para os bruxos elitizados. Ainda que ambas as lojas tenham a sua entrada principal por meio dos Arcos da Lapa, o contraste entre suas ofertas e ambientes demonstram muito claramente a desigualdade social do mundo criado por Ventura. Embora a sua ficção apresente uma realidade de fantasia mágica, ela não é perfeita; mas, sim, uma lembrança de que a magia, por si só, não resolve e nem modifica as mazelas da vida.

Apesar de Ventura não ter introduzido outros cenários além do brasileiro em seu mundo mágico, a escritora construiu uma realidade muito rica para o território nacional, realçada pela presença de cinco escolas de magia — uma para cada região do Brasil —, cada qual com particularidades culturais muito específicas. Para esta monografia, porém, restringi a pesquisa apenas à Notre Dame do Korkovado, escola da região sudeste, devido à sua maior representatividade por meio do protagonista Hugo Escarlante.

3.2.1 NOTRE DAME DO KORKOVADO

A escola de magia Notre Dame do Korkovado tem a sua origem interligada diretamente à chegada da família real portuguesa ao Brasil, já que foi construída em homenagem a D. Maria I — conhecida historicamente como Maria, a Louca. Apesar de muito devota (Ventura, 2012, p. 77), D. Maria era também uma bruxa e, em 1808, tornou-se a primeira diretora da Korkovado.

Localizada no Rio de Janeiro, no interior de sua montanha mais famosa — a Corcovado —, a escola de magia recebe majoritariamente os estudantes residentes da região sudeste do país, embora alunos de outras regiões possam optar por ali estudarem, se quiserem. Existe, também, um programa de intercâmbio entre as escolas brasileiras que permite a troca de conhecimentos e experiências entre estudantes do país inteiro. O acesso ao interior do morro se dá, portanto, por meio de um pequeno monumento situado no interior do Parque Lage, no Jardim Botânico.

[...] A torre era apenas uma construção redonda e nanica, com um terraço em cima e uma entrada que levava a uma saleta vazia, arredondada, cheia de pichações e só. Não era possível dar nem três passos lá dentro.

[...]

O único sinal de que aquilo poderia ser um pouco mais do que mera atração turística era a ponte que levava até a torre. Um Arco marcava a sua entrada e, no topo dele, esculpido em pedra, a figura de um animal que Hugo só vira em livros de mitologia. Um hipogrifo, com seu torso de cavalo, cabeça, asas e patas dianteiras de pássaro e rabo de leão (Ventura, 2012, p. 73).

Essa torre, cuja simplicidade arquitetônica passa despercebida pelos Azêmolos, tem o seu chão interno transformado ao anoitecer do primeiro dia do período escolar. Assim que os portões do parque se fecham para a comunidade azêmolos, os bruxos têm o seu acesso liberado, por meio de uma escada em caracol que se forma em direção ao subsolo:

As paredes redondas que envolviam a escadaria, um pouco claustrofóbicas de início, logo foram se alargando e se abrindo em uma câmara enorme, vazia e escura. A não ser pelos degraus de pedra, que pareciam ter luz própria, o resto da câmara era um breu total. Só quebrado lá embaixo, pela luz que iluminava a porta de entrada (Ventura, 2012, p. 75).

Diferentemente do que foi observado em Hogwarts, o primeiro contato dos alunos com a escola não remete à sua imponência ou esplendor como uma fortaleza de magia milenar, mas a “[...] um refeitório enorme, que parecia mais um salão de bailes. As paredes, cobertas de espelhos e tapeçarias, davam a impressão de que o espaço era ainda maior. O teto, cuidadosamente esculpido, mostrava figuras mitológicas de todos os tipos, comendo lado a lado com bruxos e elfos” (Ventura, 2012, p. 75). Este ambiente, que atua não apenas como um local de interação durante as refeições, mas também como o primeiro contato — visual e social — da comunidade mágica com a escola, projeta em sua estética arquitetônica todos os valores idealizados da cultura elitista europeia. Ao considerar-se a construção da escola como um presente à D. Maria, é natural que se valorize a estética cultural que lhe é conhecida em detrimento da colonizada. Apesar disso, não houve uma hegemonia artística entre os planos constituintes da instituição de ensino, visto que, atravessando um pequeno pátio de pedras portuguesas na saída do refeitório, há uma praia tropical onde está “[...] um enorme navio [Fragata Maria I] encalhado; as velas

já gastas pelo tempo. Estava fincado na areia, perto do que pareciam ser os limites da praia — a parede quase invisível do morro (Ventura, 2012, p. 76).

Essa praia, por sua vez, abre caminho para um grande pátio interno, por meio do qual os alunos da Korkovado têm acesso às salas de aula e aos espaços escolares em si:

[...] Devia ter o tamanho do estádio do Maracanã, talvez mais. Um Maracanã circular, rodeado por portas e salpicado de mesinhas e banquinhos de praça [...].

O mármore do chão formava o desenho de uma grande estrela negra de cinco pontas, rodeada de branco. Bem no centro dela, surgia uma árvore gigante e imponente, que subia com seu tronco massivo uns 700 metros até o cume do morro.

[...] Era um tronco, gigantesco, com galhos imensos que se abriam, sustentando uma verdadeira favela do avesso: Construções de todos os tipos, tamanhos e texturas subiam e subiam, umas por cima das outras, seguindo a inclinação interna do Corcovado até lá em cima. (Ventura, 2012, p. 77)

É importante notar, contudo, que essas construções interligadas aos troncos, em sua maioria reservadas às salas de aula, foram “construídas no improvisado, outras com bastante cuidado; todas empilhadas sem qualquer planejamento, em épocas diferentes, com métodos diferentes, como um quebra-cabeças que fora sendo montado ao longo dos séculos (Ventura, 2012, p. 77-78). Ainda assim, esse aparente caos arquitetônico — embora muito funcional — não fez parte da estrutura original da escola, como pode ser observado no que sobrou das ruínas em meio à perigosa floresta da Korkovado.

[...] As colunas eram enormes, em estilo grego, muito desgastadas pelo tempo; algumas até quebradas ao meio, suas outras metades tombadas no chão de mármore.

[...] Era uma ruína gigantesca... quase como um templo grego, todo em mármore branco, rachado em várias partes, com blocos soltos espalhados pelo chão, paredes faltando, teto faltando... — quase tudo faltando, na verdade. Para além da fachada grega, o prédio principal parecia uma enorme catedral gótica, decadente e cheia de detalhes semiesculpidos. Ninguém dera os últimos retoques.

No piso do pátio, buracos enormes, já parcialmente calçados com azulejos, haviam sido abertos para a construção de piscinas e espelhos d’água que nunca chegaram a funcionar... assim como os chafarizes, que se agigantavam ao redor deles: estátuas lindas de bruxas e elfas, vestidas em estilo romano, com os braços erguidos — as que ainda tinham braços — segurando varinhas ou grandes folhas por onde a água jamais escorrera.

Para completar aquela mistura sensacional de arquiteturas diferentes, ao redor das paredes externas da antiga escola, várias gárgulas de pedra faziam a guarda do que teria sido um lindo estabelecimento de ensino (Ventura, 2014, p. 134-135).

Embora a construção original pudesse ter sido bela e condizente com o estilo desenvolvido no refeitório da escola, a continuidade de seu projeto poria fim não apenas a uma grande parte — se não à totalidade — da mata nativa que compõe a misteriosa e mata que envolve a Notre Dame do Korkovado. Isto resultaria, ainda, na destruição de uma importante flora e na extinção de sua fauna, que não teria para onde migrar. Nesta perspectiva, as criações irregulares em torno da imensa árvore central da escola apresentam-se tanto como uma alternativa sustentável à pre-

servação do mundo mágico, quanto como uma representação da diversidade cultural da comunidade bruxa brasileira.

Além das estruturas principais da escola, é interessante observar a organização dos aposentos estudantis. Em uma escola em que não há fundadores específicos, mas sim uma figura homenageada, não há lógica em separar os alunos por “casas”. Desta forma, há uma entrada geral para os dormitórios, localizada numa porta desgrudada da parede, em pé no vazio. É a mesma para meninos e meninas, embora levem a planos distintos em que um não possui acesso ao outro. A porta principal leva a uma área de confraternização espaçosa, com vários sofás. Para cada lado, corredores que levam aos aposentos; cada um deles com duas camas, escrivaninha, armário e janela. O diferencial dos dormitórios brasileiros: a cada vez que um aluno entra, o pequeno quadro adjunto de D. Pedro I grita “*Independência ou morte!!!*”, de forma que os quartos mais próximos à entrada permanecem sempre desocupados (Ventura, 2012, p. 78-79).

A Notre Dame do Korkovado possui muitos encantos e mistérios em sua propriedade, como o lago das verdades — cujas águas profundas reagem de acordo com a pessoa que nelas submergem — e a sala das lágrimas — que materializa as dores mais profundas de quem a invade. Ainda assim, muito permanece por ser explorado sob a montanha.

FINITE INCANTATEM

PARA ALÉM DOS MUNDOS DA REALIDADE E DA FICÇÃO

A definição de *mundos possíveis* como uma realidade semanticamente viável foi desenvolvida ao longo dos capítulos desta pesquisa a partir de opiniões bastante distintas, partindo da unicidade Aristotélica, passando pela pluralidade infinita de Giordano Bruno, até se fixar nos preceitos teóricos de Gottfried Leibniz, John E. Nolt, Stephen Hawkins, Thomas Hertog, e Lubomír Doležel. Os estudos de gênero fantástico de Tzvetan Todorov foram essenciais, também, para compreender de que maneira as obras de J. K. Rowling e Renata Ventura constituíram seus mundos ficcionais. Para tanto, foi necessário considerar uma abordagem que incorporasse uma seleta diversidade de áreas do conhecimento, como literatura, teoria literária, filosofia e metafísica.

Neste aspecto, esta monografia se ancorou metodologicamente em duas importantes disciplinas: a história das ideias — aprimorada por Anthony Grafton, que a descreveu como não sendo “[...] uma mera subdivisão da história [...], mas uma zona intelectual sísmica onde as placas tectônicas das disciplinas convergem e interagem umas com as outras, produzindo ruídos de todos os tipos”²⁶ (Grafton, 2006, p. 2, tradução minha) — e a literatura comparada — que, pela abordagem de Tânia Franco Carvalhal (2006, p. 5), “[...] designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas” sobre as quais “[...] a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe” (Carvalhal, 2006, p. 7), as quais possibilitaram o estabelecimento de relações diretas e eficazes entre as séries literárias e as teorias investigadas. Consequentemente, este processo de pesquisa possibilitou um maior conhecimento sobre as séries *Harry Potter* e *A Arma Escarlata*, tendo em vista a necessidade de se pensar nas obras não apenas como objetos de entretenimento, mas objetos de estudo. Seus mundos ficcionais, bastante complexos em suas narrativas e desenvolvimento de personagens, constituem-se de maneira distinta, ainda que ambas abordem o universo mágico. Apesar do mal que cerca Harry durante todo o seu aprendizado na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, o mundo criado por J. K. Rowling é um mundo de *sonho*, idealizado; o mundo criado por Renata Ventura, no entanto, é um mundo de *responsabilidades*, no qual as escolhas das personagens possuem con-

²⁶ No original em inglês: “[...] a dim subdivision of history [...], but an intellectual seismic zone where the tectonic plates of disciplines converged and rubbed against one another, producing noises of all sorts”.

sequências desastrosas e as adversidades da vida comum não desaparecem pelo simples uso da magia, ainda podendo ser por elas exacerbadas.

4.1 POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA

Ao nos dispormos à realização de um trabalho monográfico, torna-se imprescindível a delimitação de um tema em específico; no caso da pesquisa aqui proposta, foi a abordagem da criação de mundos possíveis por meio da literatura fantástica — aqui representada pelas séries *Harry Potter* e *A Arma Escarlate* —, o que acredito ter cumprido. No entanto, é impossível esgotar as possibilidades de estudo em um trabalho tão restrito. Deixo aqui, portanto, algumas sugestões de possíveis desdobramentos que chamaram a minha atenção durante a realização desta pesquisa, mas que, pela própria limitação monográfica, não pude desenvolver.

Embora eu tenha abordado os multiversos literários por meio da construção de mundo e, desde modo, tenha restringido o meu olhar aos ambientes físicos da narrativa, as obras de J. K. Rowling e Renata Ventura promovem questões muito interessantes de *linguagem*. Enquanto as magias da série britânica exigem um conhecimento básico de latim, a série brasileira ancora-se nas línguas que compõem o espectro cultural de seu povo; no caso do Brasil, os encantamentos mágicos utilizam majoritariamente as línguas dos povos originários e africanos, não excluindo o uso do esperanto como uma opção neutra. Outras linhas de pesquisa podem, também, relacionar aspectos de narrativa e desenvolvimento de personagens, bem como questões de história brasileira e mundial em paralelo com os acontecimentos narrados: tanto *Harry Potter* quanto *A Arma Escarlate* desenvolvem — ainda que de formas distintas — tópicos de autoritarismo, intolerância e manipulação, bem como aspectos de identidade, preconceito e supremacia mágica. Por fim, minha formação em licenciatura não me permite excluir as possibilidades acerca do desenvolvimento de práticas didáticas em sala de aula. A partir da leitura e da produção de textos baseados nas séries, é possível encorajar os estudantes a desenvolverem seus próprios multiversos de literatura mágica enquanto aprofundam seus conhecimentos de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas Literaturas.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. *Box Divina Comédia*. Introdução de Otto Maria Carpeaux. Ilustrações de Gustave Doré. Tradução de Xavier Pinheiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (selo Ediouro), 2017.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2006. (Coleção Princípios, n. 58).

CAUQUELIN, Anne. *No ângulo dos mundos possíveis*. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes (selo Martins), 2011. (Coleção Todas as Artes).

CNN Brasil. Estudo de grupo financiado pela Nasa sugere existência de universo paralelo. CNN Brasil, 21 mai. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/grupo-da-nasa-relata-fenomeno-que-pode-indicar-existencia-de-universo-paralelo/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

DOLEŽEL, Lubomír. Mimesis and possible worlds. *Poetics today*, Durham: Duke University Press, v. 9, n. 3, p. 475-496, 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1772728>. Acesso em: 8 de março de 2023.

GRAFTON, Anthony. The history of ideas: precept and practice, 1950-2000 and beyond. *Journal of the history of ideas*, Filadélfia: University of Pennsylvania Press, v. 67, n. 1, p. 1-32, jan. 2006. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3840397>. Acesso em: 8 de março de 2023.

HERTOG, Thomas. *On the origin of time: Stephen Hawkins's final theory*. Nova Iorque: Bantam Book, 2023.

HOMERO. *Box Iliada e Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (selo Ediouro), 2021.

J. K. Rowling. Disponível em: <https://www.jkrowling.com/>. Acesso em: 16 de junho de 2023.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Discurso de metafísica e outros textos*. Apresentação e notas de Tessa Moura Lacerda. Tradução de Marilena Chaui e Alexandre da Cruz Bonilha. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Clássicos Filosofia).

MANDEVILLE. *The Travels of Sir John Mandeville*. Tradução e introdução de C. W. R. D. Moseley. Londres: Penguin Classics (selo Penguin Books), 2005.

MUNDO. In: MICHAELIS on-line – dicionário brasileiro de Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=mundo>. Acesso em: 13 de janeiro de 2023.

NOLT, John E. What are possible worlds?. *Mind*, Oxford: Oxford University Press, v. 95, n. 380, p. 432-445, out. 1986. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2254152>. Acesso em: 10 de março de 2023.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*: volume 1. Edição e adaptação de Maria Alberta Menéres. Apresentação de Felipe Lindoso e Arno Wehling. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (selo Ediouro), 2005a.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*: volume 2. Edição e adaptação de Maria Alberta Menéres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (selo Ediouro), 2005b.

RENATA Ventura. Disponível em: <https://renataventura.com.br/>. Acesso em: 22 de julho de 2023.

RIORDAN, Rick. *Box Percy Jackson e os Olimpianos*. Tradução de Ricardo Gouveia e Raquel Zampil. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. e-book Kindle.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a câmara secreta*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a ordem da fênix*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e as relíquias da morte*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e o cálice de fogo*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.

ROWLING, J. K. *Morte súbita*. Tradução e edição de Izabel Aleixo e Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ROWLING, J. K. *Os contos de Beedle, o bardo*. Traduzidos das runas originais por Hermione Granger. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROWLING, J. K.; SCAMANDER, Newt. *Animais fantásticos e onde habitam*. Tradução de Lia Wyler. Londres: Pottermore Publishing, 2017. e-book Kindle.

ROWLING, J. K.; SCAMANDER, Newt. *Animais fantásticos & onde habitam*. Edição especial com prefácio de Alvo Dumbledore. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ROWLING, J. K.; WHISP, Kennilworthy. *Quadribol através dos séculos*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. Tradução de Luiz Fernando Emediato.

São Paulo: Geração, 2015.

SANTOS, Rita de Cássia Alves Lopes dos. Reflexões sobre a arte de contar histórias. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, v. 20, n. 5, 4 fev. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/5/reflexoes-sobre-a-arte-de-contar-historias>. Acesso em: 30 de março de 2023.

SILVA, Camille Gomes da. *Os mundos possíveis na arte contemporânea brasileira do século XXI*. 2016. 144f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História da Arte) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SÓ Matemática. Aristarco de Samos, s/d. Disponível em: <https://www.somatematica.com.br/biograf/Aristarco.php>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2023.

TIFFANY, John; THORNE, Jack. *Harry Potter e a criança amaldiçoada: partes um e dois*. Tradução de Anna Vicentini. Baseado em uma história original de J. K. Rowling. Uma nova peça de Jack Thorne. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2017. (Coleção Debates, n. 98; dirigida por J. Guinsburg).

VENTURA, Renata. *A arma escarlate*. Osasco: Novo Século, 2012.

VENTURA, Renata. *A comissão chapeleira*. Barueri: Novo Século, 2014.

VENTURA, Renata. *O dono do tempo: parte I*. Barueri: Novo Século, 2019a.

VENTURA, Renata. *O dono do tempo: parte II*. Barueri: Novo Século, 2019b.

VOLTAIRE. *Cândido, ou o otimismo*. Introdução de Michael Wood. Notas de Theo Cuffe. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Penguin-Companhia (selo Companhia das Letras), 2012.

ZIRALDO. *Flicts*. Edição comemorativa de 50 anos. São Paulo: Melhoramentos, 2019.